

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
BACHARELADO EM JORNALISMO**

MARIA EDUARDA CORREA COGO

**ENTRE LITERATURA E JORNALISMO:
UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS NA FOLHA DE S. PAULO**

SÃO BORJA

2024

MARIA EDUARDA CORREA COGO

**ENTRE LITERATURA E JORNALISMO:
UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS NA FOLHA DE S. PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Dra. Clarissa Schwartz

Coorientadora: Mestranda Julianny Ribeiro Cardoso

SÃO BORJA

2024

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

C676e Cogo, Maria Eduarda Correa

Entre literatura e jornalismo: Uma análise das crônicas na
Folha de S. Paulo / Maria Eduarda Correa Cogo.

65 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, JORNALISMO, 2024.

"Orientação: Clarissa Schwartz".

1. Jornalismo cultural. 2. Jornalismo literário . 3.
Crônicas. 4. Colunas. I. Título.

MARIA EDUARDA CORREA COGO

**ENTRE LITERATURA E JORNALISMO:
UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS NA FOLHA DE S. PAULO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Trabalho de conclusão de curso defendido e aprovado em 06 de dezembro de 2024.

Banca examinadora:

Profª. Dra. Clarissa Schwartz

Orientadora

(Unipampa)

Mestranda Julianny Ribeiro Cardoso

Coorientadora

(Unipampa)

Profª. Dra. Adriana Ruschel Duval

(Unipampa)

Prof. Me. Eduardo Vieira
(Unipampa)



Assinado eletronicamente por **CLARISSA SCHWARTZ, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 13/12/2024, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **EDUARDO VIEIRA DA SILVA, PROFESSOR MAGISTERIO SUPERIOR - SUBSTITUTO**, em 16/12/2024, às 13:21, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **ADRIANA RUSCHEL DUVAL, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 17/12/2024, às 06:54, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JULIANNY RIBEIRO CARDOSO, Aluno**, em 17/12/2024, às 14:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1628240** e o código CRC **B7E02936**.

Dedico este trabalho aos meus pais,
Juliana e Tércio, e ao meu irmão,
Leonardo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor e amigo Leandro Comassetto, por ser uma fonte constante de motivação e incentivo ao longo de toda a minha graduação. Leandro, teu entusiasmo me mostrou a beleza do jornalismo literário, e é graças ao professor que tu foste, que desenvolvi um amor tão grande por essa área.

Sou muito grata à Professora Adriana Duval, pelo carinho, pelo incentivo e pelas contribuições valiosas que moldaram minha trajetória acadêmica e também minha vida pessoal. Minha profunda gratidão à minha coorientadora, Julianny Cardoso e à Professora Alciane Baccin, duas mulheres excepcionais que, com paciência e generosidade, estiveram ao meu lado. Agradeço também à Professora Clarissa Schwartz pelo apoio nesta pesquisa.

Aos meus pais, Juliana e Tércio, e ao meu irmão Leonardo, minha mais profunda gratidão por todo amor, apoio e suporte, mesmo nos momentos mais desafiadores. Minha mãe, por sua força inspiradora e por estar sempre pronta para ouvir meus desabafos ao longo da graduação. Meu pai, que me viu partir aos 16 anos para estudar longe da família e que nunca mediu esforços para me incentivar e garantir que eu pudesse seguir meus sonhos. Sem vocês, nada disso teria sido possível.

À minha Tia Leise, por todo o carinho e pelas vezes incontáveis em que me estendeu a mão. Cada gesto teu, aquece meu coração e permanece comigo. À minha Tia e Madrinha Inajara, que sempre foi uma segunda mãe, por seu apoio incondicional, seu amor e por me ensinar a enfrentar a vida com mais serenidade e sabedoria. Aos meus avós, Gerci e Ermes, que sempre celebraram minhas conquistas com entusiasmo e orgulho. E ao meu Tio Avô Batista, pelo apoio generoso nos primeiros passos dessa jornada.

Agradeço também aos meus amigos e colegas de graduação. Em especial, à Nathalia Uryu, Sadira Lang, Helena Biasi, Gabriela Molina, Carolina Tenório e Julia Luiza, pelo apoio e pela força que me deram durante a pesquisa.

À minha prima e melhor amiga, Marília Lopes Heman. Nossa história se entrelaça de tantas formas, e há tanto de ti em mim que me sinto privilegiada por te ter como referência e companhia ao longo da vida. Teu apoio e tua força me

motivam todos os dias. Agradeço por cada palavra de incentivo, por cada sorriso e lágrimas compartilhadas. E, principalmente, por todo carinho que tu sempre me ofereceu. Sou grata por tudo o que tu és e por tudo o que me ajuda a ser.

Ao meu Tio e Padrinho, Milton Falcão, quero agradecer pelo carinho e pelo constante incentivo à minha educação. Lembro das férias em Camobi, tomando chimarrão e ouvindo conselhos que me marcaram profundamente. As palavras de incentivo sobre estudar, sobre a importância de buscar sempre o melhor de mim mesma, ficaram gravadas na minha memória. Jamais esquecerei, e é com a certeza de que estou cumprindo a promessa que fiz, que sigo em frente, com gratidão e amor.

E por fim, agradeço ao Rafael por sempre acreditar na minha capacidade, por me incentivar e principalmente por toda a paciência, amor e cuidado comigo ao longo desses anos.

A todos vocês, meu sincero agradecimento.

“Enquanto eu tiver perguntas e não
houver resposta continuarei a escrever.” -
Clarice Lispector

RESUMO

O presente estudo busca investigar as crônicas literárias publicadas no website do jornal Folha de S. Paulo no primeiro trimestre de 2024, inseridas no contexto do jornalismo literário contemporâneo. A pesquisa parte da hipótese de que as crônicas mantêm sua relevância, mesmo diante do predomínio de formatos digitais objetivos, ao fornecer conexão emocional e reflexão crítica. Utilizando a análise de conteúdo, identificaram-se temas sociais e culturais, além da interação digital como fator relevante para o impacto no público. Os principais conceitos desenvolvidos no trabalho incluem jornalismo cultural, jornalismo literário e crônicas. Como objetivo principal, a pesquisa procura compreender qual é o papel das crônicas literárias no jornal Folha de S. Paulo. A questão problema desta pesquisa é “como as crônicas de Tati Bernardi e Antonio Prata, publicadas na Folha de S. Paulo, refletem e dialogam com a sociedade contemporânea, considerando a intersecção entre literatura e jornalismo?” e os principais autores utilizados para a pesquisa foram Galelli (2009), Brites, Souza e Cruz (2014), Cardoso e Monteiro (2022), Catalão (2010) e Demétrio (2007).

Palavras-Chave: Jornalismo cultural; Jornalismo literário; Crônicas; Colunas; Folha de S. Paulo.

ABSTRACT

The present study seeks to investigate the literary chronicles published on the Folha de S. Paulo newspaper website in the first quarter of 2024, inserted in the context of contemporary literary journalism. The research is based on the hypothesis that chronicles maintain their relevance, even in the face of the predominance of objective digital formats, by providing emotional connection and critical reflection. Using content analysis, social and cultural themes were identified, in addition to digital interaction as a relevant factor for the impact on the public. The main concepts developed in the work include cultural journalism, literary journalism and chronicles. As a main objective, the research seeks to understand the role of literary chronicles in the newspaper Folha de S. Paulo. The problem question of this research is “how do the chronicles of Tati Bernardi and Antonio Prata, published in Folha de S. Paulo, reflect and dialogue with contemporary society, considering the intersection between literature and journalism?” and the main authors used for the research were Galelli (2009), Brites, Souza and Cruz (2014), Cardoso and Monteiro (2022), Catalão (2010) and Demétrio (2007).

Keywords: Cultural journalism; Literary journalism; Chronicles; Columns; Folha de S. Paulo.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Classificação crônica segundo Beltrão (1980).....	42
Tabela 2 – Tratamento do tema segundo Beltrão (1980).....	43
Tabela 3 – Etapas para a construção da crônica segundo Beltrão (1980).....	43
Tabela 4 - Análise das crônicas de Tati Bernardi (Folha de S.Paulo).....	50
Tabela 5 - Análise das crônicas de Antonio Prata (Folha de S. Paulo).....	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1 Jornalismo, cultura e literatura.....	20
2.2 Jornalismo literário: conceito e história.....	24
2.3. Jornalismo literário contemporâneo.....	29
2.4 Tipos de jornalismo literário.....	34
2.4.1 As crônicas jornalísticas no digital.....	38
2.4.2 Característica e estrutura da crônica literária.....	40
3. METODOLOGIA.....	44
4. ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	48
4.1. Leitura e categorização.....	48
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	63

1. INTRODUÇÃO

O jornalismo possui várias especialidades, algumas como o jornalismo cultural, jornalismo opinativo, o jornalismo literário, entre outras. O jornalismo literário, entretanto, possui um conceito que carece de consenso absoluto, sendo frequentemente debatido e interpretado de diferentes formas. A literatura e o jornalismo sempre foram áreas do conhecimento que estiveram muito ligadas. Antes de surgirem as primeiras escolas de jornalismo, os escritores eram os principais contribuidores nos jornais. Para além das obrigações com a imparcialidade, técnicas de redação e objetividade, o jornalismo literário dá espaço à criatividade, opiniões e comentários. Neste trabalho, buscamos analisar as crônicas literárias publicadas no jornal Folha de S. Paulo no primeiro trimestre de 2024, inserindo essa análise no contexto do jornalismo literário contemporâneo.

A realização desta pesquisa possui relevância acadêmica, uma vez que, embora existam estudos sobre o jornalismo literário, ainda são limitadas as pesquisas que abordam especificamente a inserção das crônicas nos portais de notícias. Quando identificados, os artigos disponíveis frequentemente não aprofundam a análise da crônica literária nesse contexto. Entender e contextualizar o conceito de jornalismo literário pode auxiliar na formação de novos jornalistas, sejam eles especializados em cultura ou em escritas jornalísticas literárias.

O presente trabalho possui relevância social, uma vez que analisar as crônicas que compõem o jornalismo atual revela características importantes do jornalismo contemporâneo, contribuindo para que a sociedade compreenda como são abordadas questões de cunho humanitário e cultural, promovendo reflexões sobre temas atuais. Além disso, as crônicas desempenham um papel social significativo ao documentarem períodos da história, registrando a mentalidade e as transformações de uma época, o que amplia sua importância como fonte para análises culturais e sociais.

Do ponto de vista profissional, a pesquisa é essencial para o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades dos futuros jornalistas, editores e profissionais de jornalismo quanto ao gênero jornalístico crônica. Quanto à justificativa pessoal¹ para a produção desta pesquisa, resalto que a paixão pelo gênero jornalístico literário aumentou quando realizei produções para os componentes curriculares de redação

¹ Embora a pesquisa tenha sido realizada em conjunto com as orientadoras, a justificativa pessoal diz respeito à autora principal, por isso, a primeira pessoa é utilizada.

jornalística e produção literária durante a graduação em jornalismo. Não foram apenas exercícios acadêmicos, acredito que tenha sido uma jornada de autodescoberta. Cada crônica escrita foi de certa forma uma parte de mim explorando temas complexos e dando vida a personagens e cenários.

Diante disso, procuramos descobrir com esta pesquisa: Como as crônicas se inserem no contexto atual do jornalismo literário em portais de notícias, especificamente no portal da Folha de S. Paulo? Nossa hipótese de pesquisa é de que as crônicas no jornalismo contemporâneo enfrentam desafios, como a concorrência com formatos mais breves e diretos de comunicação, no entanto, mantêm sua relevância ao proporcionar uma conexão emocional mais profunda com o público e ao oferecer um espaço para a expressão criativa e artística.

Para ajudar a responder essa questão que norteia a nossa pesquisa, partimos do seguinte objetivo geral: Compreender qual o papel das crônicas literárias no jornal Folha de S. Paulo. Os objetivos específicos são: a) Entender o desenvolvimento do Jornalismo Literário no Brasil; b) Explicar o conceito de Jornalismo Literário no contexto contemporâneo; c) Analisar a presença de crônicas literárias no Jornal A Folha de S. Paulo; d) Refletir sobre as características das crônicas na publicação jornalística.

Na presente pesquisa, foi realizado um levantamento abrangente do estado da arte acerca dos temas que envolvem o jornalismo cultural e literário, com atenção especial às crônicas. Este levantamento inicial teve como objetivo mapear as produções acadêmicas e jornalísticas existentes, proporcionando uma base sólida para a análise que foi desenvolvida ao longo deste trabalho. Para isso, foram feitas buscas em bases de dados acadêmicas e digitais que resultaram em diversos registros relevantes. Conforme afirmam Telles e Assumpção (2022), a pesquisa bibliográfica é essencial para a leitura do campo e sua problemática, uma vez que oferece um entendimento profundo das produções e discussões em andamento.

Para embasar uma pesquisa teórica e garantir uma análise abrangente sobre o jornalismo literário, foram realizadas pesquisas no Portal de Periódicos da CAPES.² Os resultados obtidos são os seguintes: 774 artigos ao pesquisar pelo termo "Jornalismo Cultural"; 401 resultados sobre "Jornalismo Literário"; 163 registros ao pesquisar por "Crônicas + Jornalismo"; 58 resultados para a combinação "Jornalismo Cultural + Jornalismo Literário"; 22 registros ao pesquisar

² <https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acesso-cafe.html>

"Crônicas + Jornalismo Cultural"; 9 artigos encontrados ao pesquisar "Crônicas + Colunas + Jornalismo"; 6 registros para "Jornalismo Cultural + Jornalismo Literário + Crônicas"; e 4 resultados ao pesquisar "Crônicas + Colunas + Jornalismo Cultural". Devido ao grande número de resultados, nem todos os artigos puderam ser lidos na íntegra, sendo necessário focarmos nos resultados que mais se encaixavam no nosso tema de pesquisa. No entanto, dentre os artigos selecionados, 37 foram escolhidos como essenciais para embasar o referencial teórico e ampliar a compreensão sobre o papel do jornalismo literário na atualidade.

. A seleção final inclui obras, que se mostraram fundamentais para embasar teoricamente a investigação sobre o papel do jornalismo literário na contemporaneidade, com especial destaque para a análise das crônicas.

Brites, Souza e Cruz (2014) ofereceram um estudo comparativo sobre o jornalismo literário contemporâneo e a obra de Caco Barcellos, destacando abordagens narrativas relevantes para a análise das crônicas de Tati Bernardi e Antonio Prata. Cardoso e Monteiro (2022) apresentaram uma perspectiva metodológica que influenciou a definição das categorias temáticas usadas nesta pesquisa. Enquanto Catalão (2010) explorou o impacto dos livros-reportagem no mercado editorial, abrindo caminho para a análise da relevância do jornalismo literário em outros formatos. E Demétrio (2007) conectou o New Journalism à contracultura, relacionando essas características à construção de narrativas literárias.

Dias (2015) contribuiu com reflexões sobre o papel da conversa na entrevista de perfil, elemento que se reflete em crônicas intimistas. Faria (2013) foi uma referência histórica que elucidou as principais características do jornalismo literário, enquanto Fonseca Junior (2006) forneceu uma base teórica sobre análise de conteúdo. Já Galelli (2009) destacou a importância histórica da crônica no jornalismo impresso local, facilitando a contextualização do gênero dentro do jornalismo literário. Garcia (2020) explorou o impacto do digital sobre a crônica brasileira, discussão central para este trabalho. Enquanto Horst e Fernandes (2017) analisaram a leitura cultural em reportagens literárias, um paralelo interessante às crônicas analisadas. Jácome e Vieira (2018) abordaram a evolução dos cadernos culturais, conectando-os à narrativa literária.

Em seu estudo, Lima (2009) ampliou a compreensão sobre a relação entre literatura e jornalismo nos livros-reportagem, enquanto Maciel (2021) explorou

conceitos fundamentais sobre o gênero no Brasil. Martelli (2006) introduziu reflexões sobre o jornalismo gonzo, e Martinez (2017) revisou o desenvolvimento histórico do jornalismo literário, fornecendo um panorama essencial. Mielniczuk (2002) discutiu a transição do texto jornalístico no ambiente digital, abordando mudanças que impactaram também a forma de produzir crônicas. Melo (2009) conectou o jornalismo ao contexto cultural, enquanto Moraes (1999) foi uma base sólida para a abordagem metodológica de análise de conteúdo. Já Oliveira (2006) enfatizou o potencial narrativo do livro-reportagem, ajudando a entender como o jornalismo literário pode envolver o leitor emocionalmente. Pena (2007) explorou o jornalismo literário enquanto conceito, dialogando diretamente com o objetivo central deste trabalho. Pereira e Gushiken (2017) analisaram a construção de personagens, aspecto fundamental na análise das crônicas.

Rigo (2019) traçou em seu estudo, paralelos históricos entre publicações literárias do século XIX e as crônicas digitais, enriquecendo a contextualização histórica. Ritter (2013) em seu artigo e também explorou a influência da contracultura no jornalismo literário e fez conexões com o New Journalism, oferecendo insights para compreender a evolução do gênero. Santana (2020) trouxe uma análise histórica da contracultura no jornalismo, essencial para identificar influências estilísticas. Siebert (2014) analisou a relação entre história, literatura e jornalismo nas crônicas brasileiras, enquanto Silva (2010) investigou a evolução do academicismo literário no jornalismo.

Soares e Vieira (2021) fizeram um estudo comparativo entre revistas literárias, destacando como narrativas de minorias se inserem no jornalismo literário, diálogo útil para a análise de temáticas sociais nas crônicas. Souza (2016) abordou perfis de celebridades, um gênero próximo às crônicas narrativas. Strelow (2010) discutiu o papel cultural e histórico do jornalismo literário. Já Telles e Assumpção (2022) exploraram desafios metodológicos na pesquisa em comunicação, influenciando a estruturação das etapas de análise. Tirapani (2019) destacou a narrativa longform no ambiente digital, um conceito que também se aplica às crônicas literárias. Tuzino (2009) investigou as interseções entre jornalismo e literatura na crônica, oferecendo insights fundamentais. Villas Boas (2003) destacou a construção de perfis, paralela à análise das vozes autorais nas crônicas estudadas.

Cada um contribuiu com abordagens específicas. Esses dados evidenciam a quantidade de produções acadêmicas e jornalísticas disponíveis sobre os temas abordados, além de contextualizar a relevância do estudo proposto neste trabalho.

Após o capítulo introdutório, o capítulo 2 apresenta o referencial teórico, na qual abordaremos os principais conceitos do jornalismo literário, hibridismo do jornalismo literário, de como a crônica é discutida como um gênero específico dentro do jornalismo literário e o ciberjornalismo. No capítulo 3 explicaremos a metodologia utilizada para esta pesquisa, o tipo da pesquisa, análise de conteúdo e a seleção das crônicas. No capítulo 4 apresentaremos os resultados da pesquisa sobre as crônicas de Tati Bernardi e Antônio Prada publicadas na Folha de S.Paulo, os principais pontos abordados neste capítulo incluem a descrição das crônicas analisadas, a categorização dos temas e estilo narrativo. Por fim, as considerações finais trazem os seguintes pontos abordados: síntese dos resultados, a relevância das crônicas, contribuições para o jornalismo literário e as implicações para futuros estudos.

Neste trabalho abordaremos os principais conceitos que fundamentam esta investigação. Iremos trabalhar com o conceito de jornalismo literário, que mescla elementos da literatura com técnicas jornalísticas para criar uma forma de narrativa que vai além da simples transmissão de fatos. Diferente do jornalismo tradicional, o jornalismo literário permite maior liberdade de estilo e uma aproximação emocional com o leitor, conforme apontado por autores como Melo (2009) e Rigo (2019), que discutem essa prática no contexto do jornalismo cultural e literário brasileiro.

Também discutiremos o papel das crônicas literárias, um gênero híbrido que, ao longo dos anos, se consolidou como um dos principais formatos do jornalismo literário. Como aponta Galelli (2009), a crônica se caracteriza pela flexibilidade e pelo olhar subjetivo sobre o cotidiano, sendo um espaço de reflexão e análise poética que se distingue da notícia tradicional.

Além disso, iremos explorar como essas crônicas se inserem no ambiente digital, um ambiente em constante transformação, onde o espaço para textos literários vêm encontrando desafios e novas oportunidades. Os autores também discutem a relevância do gênero no contexto contemporâneo.

Ao longo do trabalho, vamos aplicar a metodologia de análise de conteúdo para categorizar e analisar as crônicas da Folha de S. Paulo, identificando os principais temas, autores e frequência de publicações. Essa abordagem permitirá

compreender como as crônicas se mantêm relevantes no jornalismo atual, oferecendo uma plataforma para a expressão criativa e a reflexão crítica sobre temas contemporâneos.

Por fim, no quinto capítulo trataremos as considerações finais, onde sintetizamos as principais conclusões do trabalho e refletimos sobre as crônicas no jornalismo contemporâneo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

No presente capítulo, buscamos entender como o jornalismo cultural e o jornalismo literário são essenciais para compreender o valor das crônicas, visto que esses campos oferecem um contexto que enriquece a análise do gênero. O jornalismo literário combina elementos da literatura com técnicas jornalísticas, permitindo que as crônicas explorem a subjetividade e a poética do cotidiano, diferenciando-se de outros formatos jornalísticos. Assim, a compreensão destes conceitos é crucial para apreciar a importância das crônicas como um espaço de reflexão e expressão artística.

Realizamos uma busca pelos conceitos necessários que fundamentam nossa análise. Focamos em conceitos centrais como jornalismo cultural e jornalismo literário, explorando suas definições, características e intersecções. Além disso, abordaremos a natureza híbrida das crônicas, sua função crítica e reflexiva, e a importância da subjetividade na narrativa jornalística. Essa investigação teórica permitirá uma apreciação mais profunda do papel das crônicas no contexto contemporâneo do jornalismo.

2.1 Jornalismo, cultura e literatura

De acordo com Galelli (2009), há pesquisadores que argumentam que o jornalismo tem suas origens na Pré-história, com os primórdios da comunicação humana. No entanto, outros estudiosos sustentam que suas características modernas começaram a ser definidas entre os séculos XVIII e XIX, quando se estabeleceram aspectos como periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade.

O jornalismo começou a se expandir no século XIX, quando a imprensa começou a alcançar maior relevância como meio de comunicação em massa. Essa expansão foi impulsionada pelo crescimento das cidades e pela necessidade de informação de públicos cada vez maiores. Segundo Silva (2010), foi nesse período que o jornalismo se consolidou como uma prática orientada pela busca da verdade e pela prestação de serviços à sociedade, com a notícia sendo tratada como um produto objetivo e baseado em fatos.

A partir desse contexto de consolidação do jornalismo no século XIX, surge o jornalismo cultural como uma vertente que busca mediar o conhecimento complexo e tornar acessível para o público em geral. Segundo Melo (2009), o jornalismo cultural desempenha um papel crucial para democratizar a cultura, fazendo com que tanto a elite quanto as massas tivessem acesso. Ele nasceu da necessidade de cobrir não apenas as notícias factuais, mas também de refletir e interpretar os movimentos culturais e artísticos que permeiam a sociedade, porém foi inicialmente restrito à análises literárias e artísticas.

O jornalismo cultural é uma área ampla e de grande relevância dentro do campo jornalístico, especialmente no contexto brasileiro. Segundo os estudos de Melo (2009), podemos afirmar que o jornalismo cultural se distingue por sua capacidade de mediar o conhecimento cultural e conectar a complexidade da cultura com a clareza do jornalismo.

O próprio conceito de cultura é algo tão amplo que Melo (2009), busca pelo consenso obtido na Conferência Mundial sobre Políticas Culturais para auxiliar na definição

[...] houve um entendimento comum de que seria necessário redefinir o conceito de cultura. E ela passa a ser entendida, então, como: Conjunto dos traços distintivos – sejam materiais, espirituais, intelectuais ou afetivos – que caracterizam um determinado grupo social. Além das artes, da literatura, contempla, também, os modos de vida, os direitos fundamentais do homem, os sistemas de valores e símbolos, as tradições, as crenças e o imaginário popular (Conferência Mundial sobre Políticas Culturais, 1982 apud Melo, 2009).

Melo (2009) também afirma que o jornalismo cultural emerge no final do século XVII, quando o jornalismo começa a se institucionalizar na Europa. Os primeiros impressos a cobrir obras culturais, como "The Transactions of the Royal Society of London" (1665) e "News of Republic of Letters" (1684), estabeleceram a base para a resenha de livros e outras formas culturais.

A modernização do jornalismo brasileiro, particularmente a partir da década de 1950, levou a uma série de transformações significativas na organização e nas práticas do jornalismo. Jácome e Vieira (2018) afirmam que essa época foi marcada por uma mudança de um modelo europeu para um modelo "americano", que prioriza a impessoalidade, a factualidade e a imparcialidade. Segundo Melo (2009), o jornalismo cultural se consolida no Brasil com figuras como Machado de Assis e José Veríssimo, e ganha força com a criação da Revista "O Cruzeiro" em 1928, que

reuniu grandes nomes da literatura e das artes brasileiras. Jácome e Vieira (2018) apontam que a modernização do jornalismo brasileiro, especialmente a partir da década de 1950, trouxe uma série de mudanças significativas na estrutura e nas práticas jornalísticas. Os autores também observam que os cadernos culturais, que começaram a surgir na década de 1960, desempenharam um papel importante na preservação e promoção da literatura, da arte e da política no jornalismo brasileiro. Esses, como o Caderno B do Jornal do Brasil, demonstraram que é possível combinar a modernização tecnológica com a preservação de espaço para a expressão cultural e literária.

Melo (2009) também enfatiza o papel do jornalista cultural como mediador entre a obra cultural e o público. Esse papel é crucial para a prática do jornalismo literário, em que o jornalista não apenas relata fatos, mas também interpreta e contextualiza esses fatos dentro de uma narrativa mais ampla, destacando assim a importância de um olhar crítico e interpretativo na comunicação jornalística.

Rigo (2019) afirma que a história da imprensa jornalística se confunde com o jornalismo literário, já que, desde o surgimento do jornal, a Literatura marcou presença como um dos objetos apresentados aos leitores através de suas páginas.

É importante não confundir jornalismo literário com o papel da imprensa especializada em literatura. A crítica sobre literatura é um processo que nasceu com os jornais e ainda hoje está presente em suplementos culturais. Já o jornalismo literário é um estilo jornalístico que se desenvolveu no século XIX e tem como característica principal a utilização de técnicas narrativas próprias à Literatura (Arnt, 2001 apud Rigo, 2019, p. 61).

Em seus estudos, Rigo (2019) aponta que, desde suas formas iniciais, o jornalismo cultural combinou jornalismo e literatura. E ainda ressaltou que o estilo da crítica cultural nos periódicos também passou por mudanças significativas como resultado das mudanças no jornalismo no final do século XIX. Na tese de Rigo (2019), um exemplo citado desta mudança é o irlandês George Bernard Shaw (1856-1950), que escreveu sobre literatura, música e arte. Rigo (2019) ressalta que Shaw contribuiu para jornais como *Saturday Review* e *The World*, misturando polêmica política, observação social e crítica estética, fato que teve efeito na Inglaterra e em outros países, principalmente nos Estados Unidos. Ele criou uma forma diferente de jornalismo cultural. Essa nova abordagem para o jornalismo cultural mostrou um papel renovado do crítico literário, que agora se concentra não apenas em discutir "formas e fantasias".

Tirapani (2019) afirma que o termo "literatura" tem origem no latim "*litteratura*", derivado de "*littera*", que significa letra. Segundo o professor de literatura francesa Antoine Compagnon (1999), a palavra tem um significado amplo:

[...] literatura é tudo o que é impresso (ou mesmo manuscrito), são todos os livros que a biblioteca contém (incluindo-se aí o que se chama literatura oral, doravante consignada). Essa acepção corresponde à noção clássica de "belas letras" as quais compreendiam tudo o que a retórica e a poética podiam produzir, não somente a ficção, mas também a história, a filosofia e a ciência, e, ainda, toda a eloquência (Compagnon, 1999, p.31, grifo do autor, tradução Cleonice Paes Barreto Mourão).

Ainda em relação aos estudos de Tirapani (2019), o autor explica que o termo passou por algumas transformações ao decorrer do tempo:

No sentido restrito, a literatura (fronteira entre o literário e o não literário) varia consideravelmente segundo as épocas e as culturas. Separada ou extraída das belas-letas, a literatura ocidental, na acepção moderna, aparece, no século XIX, com o declínio do tradicional sistema de gêneros poéticos, perpetuado desde Aristóteles. [...] Desde então (século XIX), por literatura compreendeu-se o romance, o teatro e a poesia (Compagnon, 1999, p.32, grifo do autor, tradução Cleonice Paes Barreto Mourão).

O jornalismo cultural desempenha um papel crucial na sociedade ao proporcionar um espaço para a crítica, a reflexão e a disseminação de ideias e valores culturais. Segundo Piza (2004 apud Rigo 2019), a história da Revolução Francesa, por exemplo, não pode ser contada sem considerar o impacto dos panfletos e jornais da época, que ajudaram a moldar o fervor e o rumo da revolução.

O conceito de jornalismo literário e de jornalismo cultural, embora distintos em suas abordagens, compartilham a mesma missão de proporcionar uma visão aprofundada e reflexiva da realidade. Segundo Villa (2000 apud Rigo 2019), o jornalismo cultural atua como um discurso especializado que reorganiza a cultura na sociedade, permitindo uma releitura crítica dos valores sociais. Já Pena (2007) destaca que o jornalismo literário combina elementos literários com a narrativa jornalística para oferecer uma análise mais rica e detalhada dos acontecimentos. Ambos os gêneros ultrapassam os limites da reportagem factual, buscando contextualizar e humanizar a informação, promovendo uma conexão mais profunda com o público.

2.2 Jornalismo literário: conceito e história

O Jornalismo Literário é um marco significativo na história do jornalismo. A habilidade de narrar histórias reais e emocionar o leitor, estreita a relação entre o jornalismo e a arte, destacando-se como uma forma de comunicação que ultrapassa a simples transmissão de informações

Não é por acaso que profissionais como Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer, Eliane Brum, Hamilton Ribeiro, Daniela Arbex e Hunter Thompson são vistos como grandes escritores e têm reconhecimento além do ofício de jornalista. O mérito deles é o de terem ido atrás de histórias que valiam a pena ser contadas e usá-las para transcender o ato de fazer jornalismo (Tirapani, 2019, p. 8).

Em seus estudos, Vinicius Tirapani (2019) constata que o ápice do Jornalismo Literário foi durante a era do *New Journalism*. Era que, segundo Eduardo Ritter (2013), representou uma revolução na prática jornalística ao romper com os princípios tradicionais de objetividade e imparcialidade. Ritter (2013) nos diz que o *New Journalism* foi liderado por jornalistas como Truman Capote, Gay Talese, Tom Wolfe e Norman Mailer, que buscaram integrar técnicas literárias à reportagem jornalística, criando narrativas mais envolventes e detalhadas. Tom Wolfe, foi um dos principais expoentes do movimento, descreveu o *New Journalism* como uma forma de contar histórias completas e ricas em detalhes, utilizando elementos de ficção como diálogos extensos, cenas vívidas e exploração profunda dos personagens.

Segundo Tirapani (2019), o movimento conhecido como *New Journalism* foi crucial para conceder aos jornalistas uma maior autonomia na escrita de suas matérias, desafiando a era que até então prezava pela objetividade. Esse movimento revisou todo o processo de construção de uma reportagem, abrangendo desde a forma de contar histórias até a apuração dos fatos, o tratamento das fontes, o tamanho dos textos e a escolha dos temas. Além disso, Tirapani (2019) afirma que, com essa mudança, os jornalistas começaram a se libertar das restrições estruturais presentes nas redações, abrindo espaço para que pudessem assumir um papel mais autoral em suas produções. O *New Journalism* se destacou, assim, como uma das maiores manifestações de contracultura no jornalismo.

Para além da conceitualização da era do *New Journalism*, também é necessário destacar a ascensão da crítica literária, que segundo Strelow (2010), surgiu na França em 1995, com o *Journal des Savants*, periódico onde se

anunciavam novos livros e descobertas científicas. Esse foi o primeiro periódico a usar o termo *Journal* para designar algo especializado em literatura.

O *Journal des Savants* inaugurou um tipo de imprensa de oposição ao sistema, com a crítica aos filósofos das Luzes, que defendiam o absolutismo esclarecido. Acabou abandonando a crítica literária devido às perseguições e à censura. Outros jornais literários surgiram na França, mas utilizando uma fórmula subserviente, sem contrariar a ordem constituída. O de maior sucesso no final do século XVII foi o *Nouveilles de la Republique des Lettres*, dirigido por Bayle, que, de tão acomodado, recebeu cartas de felicitação da Academia Francesa e da *Societé Royale*, instituições fiscalizadoras dos padrões estéticos (Arnt, 2001 apud Strelow, 2010).

O *Journal des Savants* teve uma existência predominantemente passiva, fornecendo informações científicas objetivas por mais de cem anos, até 1792, quando cessou sua circulação (Strelow, 2010). Sob a direção de Desfontaines por um breve período, o jornal adotou, pela primeira vez na história da imprensa, uma postura de crítica literária militante e agressiva. Em seu estudo, Strelow (2010) afirma que haviam outros periódicos importantes trilhando o mesmo caminho em diferentes locais do mundo, como *The Spectator*, *Philosophical Transactions* e *Leipzig*.

Faria (2013) afirma que o jornalismo literário emergiu da combinação de técnicas jornalísticas de investigação e de recursos literários, que por sua vez, deram origem aos textos de ficção baseados ou inspirados na vida real. Entretanto, diversos autores afirmam que a tentativa de definir tal conceito acaba se tornando falha. Martinez (2017) afirma que não existe um consenso sobre o tema em questão, tanto no Brasil, quanto no exterior.

Ainda conforme Faria (2013), na primeira metade do século XX, durante o período do modernismo, a objetividade jornalística predominou, levando o jornalismo a um caráter mais funcional. Essa ênfase na utilidade contribuiu para a marginalização do gênero jornalístico-literário nos Estados Unidos, uma vez que não se enquadrava no conceito científico de objetividade. Faria (2013) também destaca que, por utilizar formas de escrita literárias, o jornalismo literário não era estudado, ensinado ou alvo de crítica nesse período. Isso reforçou seu distanciamento das práticas jornalísticas tradicionais, que priorizavam a neutralidade e a objetividade na comunicação dos fatos.

O jornalismo literário segundo Groth (2011, apud Martinez, 2017), teve início no século XVIII, quando passamos a identificar características modernas dentro do jornalismo, tais como periodicidade, atualidade, universalidade e publicidade. No

Brasil, esse movimento tomou força já no século XX, com Euclides da Cunha (1944) e João do Rio (1976), considerados por Martinez (2017), precursores do jornalismo literário.

Strelow (2010) aponta que o jornalismo literário rapidamente se estabeleceu no Brasil. Após a Gazeta do Rio de Janeiro e a Idade d'Ouro do Brasil, em janeiro de 1812, na Bahia, surgiu “As Variedades” ou “Ensaio de Literatura”, o primeiro jornal literário do país e o terceiro a ser publicado, que foi fundado por Diogo Soares da Silva de Bivar, um português instruído, aficionado pelas letras, graduado em Coimbra e de ideias liberais.

Um marco da Literatura e do Jornalismo foi o folhetim, que teve origem na França em meados do século XIX. Primeiramente, ocupava apenas pequenos espaços, antes vazios, dos jornais como em rodapés, com conteúdos de entretenimento, críticas literárias e resenhas, entretanto tomou maiores proporções quando na época do romantismo passou a atrair a atenção dos leitores. Como afirma Galelli (2009), o folhetim ganhou autonomia estética em relação aos gêneros literários anteriores, enquanto adotava simultaneamente as características formais dos jornais da época. Galelli (2009) ressalta que o folhetim é apenas uma marca da literatura na história do jornalismo, entretanto, a relação entre esses “gigantes” da linguagem, em que a matéria-prima de ambos é a palavra, está longe de acabar por aqui.”

Segundo Pereira (1994, apud Galelli, 2009), os folhetinistas eram literatos que dominavam as regras literárias e também compreendiam a dimensão temporal do espaço jornalístico. Em seu estudo, Galelli (2009) apresenta Victor Hugo e Alexandre Dumas como exemplos de escritores franceses que se consagraram mundialmente após publicações em jornais como *La Presse* e *Lê Siècle*, respectivamente. Apesar da França ser o berço do folhetim, muitos outros escritores surgiram e se consolidaram através dos folhetins ao redor do mundo. No Brasil, temos Machado de Assis e José de Alencar como exemplo. Na tentativa de cativar e atingir um vasto público, estratégias eram utilizadas nos folhetins, como o uso de uma linguagem mais simples e histórias de fácil identificação cultural por parte dos leitores.

O Jornalismo teve papel fundamental na consagração de grandes escritores, ou seja, vital para a sobrevivência destes, fornecendo emprego e reconhecimento social. Para Silva (2010) alguns escritores pensavam de forma pessimista a

consagração de suas carreiras pelo jornalismo, pois viam como um caminho que poderia levar à uma padronização na escrita e conseqüentemente na queda da qualidade artística, apenas para a satisfação do público leitor. Outros escritores consideravam o jornalismo como um fator positivo para a produção da arte literária, bem como, afirmavam que o gênero jornalístico poderia ser considerado o criador da literatura brasileira. Podemos ver o jornalismo e a literatura como sendo uma via de mão dupla. Silva (2010) afirma que o gênero ajudava na venda de livros e na divulgação, enquanto a presença dos escritores renomados dentro dos jornais e das redações, ajudava a expandir a imprensa. Em seu artigo Eduardo Ritter (2015), afirma que mesmo passadas três décadas após a ascensão do *New Journalism*, a contracultura³ ainda molda a produção contemporânea de livros-reportagens no Brasil.

Ritter (2015) enfatiza que autores brasileiros, como Dodô Azevedo e Arthur Veríssimo, acrescentaram novos elementos ao jornalismo literário do nosso país ao se inspirarem na contracultura norte-americana. O autor afirma que, os mesmos buscaram essas referências a partir da popularização da literatura produzida nesse movimento nos Estados Unidos, fato que influenciou escritores-jornalistas em todo o mundo. Assim, ao se apropriarem de elementos da contracultura em suas obras, os autores brasileiros enriqueceram a produção literária local.

Segundo Ritter (2015), é possível perceber a influência da contracultura norte-americana na literatura brasileira, especialmente por meio da literatura beat. Um exemplo disso é Dodô Azevedo, que, em 2003, atravessou os Estados Unidos de leste a oeste, partindo de Nova York até a Califórnia, em busca de vestígios dessa vertente literária no solo americano.

Ritter (2015) também ressalta os fenômenos culturais que emergiram com a contracultura, o jornalismo gonzo⁴ e a literatura beat⁵, que serão conceituados posteriormente, na seção 2.4 Tipos de jornalismo literário. Um exemplo de escritor

³ Segundo o site Educa Mais Brasil, a contracultura pode ser definida como um movimento social e cultural que surgiu nos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960. O mesmo pode ser caracterizado pela crítica e pela oposição aos valores, normas e instituições predominantes da sociedade da época. Este movimento promoveu uma expressão cultural alternativa, incluindo música, arte, literatura e jornalismo.

⁴ O termo “jornalismo gonzo” será explicado no capítulo 2.4 Tipos de jornalismo literário, mas sua inclusão aqui é necessária para o contexto da discussão.

⁵ O termo “literatura beat” surgiu nos Estados Unidos nos anos 1950, e expressa a inquietação de jovens escritores com a sociedade conservadora da época. Caracteriza-se por uma escrita espontânea, explorando temas como liberdade, espiritualidade, contracultura e experiências marginais, influenciando movimentos culturais posteriores.

que caracteriza bem a literatura beat é Jack Kerouac. Ritter (2015) afirma em seu artigo que “a obra mais famosa, e que se tornou o símbolo da geração beat, foi *On the Road*. Essa obra, escrita com fôlego narrativo alucinante, apresenta diversas das características que marcam a literatura beat.” O autor também lista e exemplifica as características marcantes com trechos de Kerouac. De acordo com Ritter (2015), a obra é marcada por parágrafos longos e pela presença de personagens que frequentemente fazem uso de drogas, embarcam em viagens sem destino certo, muitas vezes através de caronas com motoristas desconhecidos, e consomem bebidas regularmente. Esses elementos contribuem para o estilo particular da narrativa. Ritter (2015) menciona que descrições que detalham o ambiente, as tomadas de decisões e atitudes das personagens, ajudam a estabelecer o tom da obra, caracterizando o senso de liberdade e imprevisibilidade presente na trama.

Para além da era do *New Journalism*, retomando aos marcos da literatura, temos a crônica. Caracterizada por ser uma forma de escrita, que se destaca por sua subjetividade e abordagem pessoal, e que complementa o panorama do jornalismo literário ao trazer um olhar intimista e reflexivo sobre o cotidiano, como enfatizado por Galelli (2009). Para a autora no início da era cristã, o termo crônica era utilizado para designar uma lista de acontecimentos em ordem cronológica. Diferente da história propriamente dita, a crônica se limitava a registrar eventos sem se aprofundar em suas causas ou interpretá-los. Galelli (2009) reforça que a crônica como gênero literário passou por evoluções desde a Alta Idade Média até a sua consolidação como especialidade brasileira. Segundo a autora, o termo crônica foi substituído por história para descrever narrativas detalhadas de acontecimentos. A partir do século XIX, a crônica se desvinculou de sua origem histórica e passou a ser um gênero literário autônomo.

A crônica brasileira apresenta duas fases bem definidas: a crônica de costume, a qual se usava de fatos cotidianos como fonte de inspiração para relato poético ou descrição literária – e a crônica moderna, a que vemos atualmente no corpo do jornal não como algo estranho, mas enquanto matéria inteiramente ligada ao espírito da edição noticiosa (Melo, 2002 apud Galelli, 2009, p. 19).

A conceituação de crônica é de difícil construção, posto que se desenvolveu de forma a abarcar várias linguagens e possibilidades narrativas, caminhando para uma independência estética, que busca a dita “inspiração” de diferentes formas. Patrícia Galelli também enfatiza que podemos considerar a crônica tanto como um

gênero híbrido, pois se configura como uma modalidade literária sujeita ao transitório e à leveza do jornalismo, quanto como sendo um gênero jornalístico ou literário.

Entretanto, ainda conforme Melo (2002, apud Galelli, 2009), o lugar da crônica no jornalismo brasileiro é nas páginas de opinião. A crônica contemporânea é vista como mais semelhante ao editorial, ao artigo e ao comentário, e diferente da notícia e da reportagem. Melo (2002), destaca que a crônica é um produto do jornal, pois depende dele para sua expressão pública e está vinculada à atualidade, sendo alimentada pelos acontecimentos cotidianos (Galelli, 2009). Assim, a crônica atende às três condições essenciais de qualquer manifestação jornalística: atualidade, oportunidade e difusão coletiva.

Coutinho (1995, apud Galelli, 2009) afirma que a natureza literária da crônica deve ser ressaltada. Uma vez ligada à vida cotidiana, a crônica tem que se utilizar da língua falada, coloquial, o que faz com que ela adquira certa expressão dramática no contato da realidade da vida diária. O estudo de Galelli (2009) traz diversas perspectivas em relação à crônica, permeando essa dúvida de como deve ser definida, alguns ainda apontam o gênero como sendo “a literatura ao “rés-do-chão”, um “gênero literário menor”. Galelli afirma que essa avaliação não significa a desvalorização da crônica sob o ponto de vista jornalístico, mas sim sua identificação como um gênero com perfil singular, que se caracteriza pela leveza, pela superficialidade, pela simplicidade, pelo coloquialismo.

De acordo com Barbosa (2023), a crônica, ao incorporar elementos literários e memórias individuais ou coletivas, pode ser descoberta como um documento histórico valioso. Seu caráter narrativo e subjetivo permite retratar estruturas sociais específicas e mentalidades de uma época, funcionando como testemunha expressiva de um determinado contexto. Assim, a crônica também contribui para ampliar o entendimento sobre transformações sociais e culturais, atuando como uma base documental para investigações históricas e sociais.

2.3. Jornalismo literário contemporâneo

Como ressaltado anteriormente, o jornalismo literário é um gênero híbrido entre Literatura e Jornalismo, e sobrevive em meio à crise se destacando por

humanizar relatos e dar visibilidade a temas fora do *mainstream*⁶. Soares e Vieira (2021) ressaltam que, ao redor do mundo, diversas publicações ainda preservam esse gênero, garantindo que narrativas complexas e profundas continuem a ser contadas.

É jornalismo, primeiramente, porque trabalha com fatos reais, tendo o texto um valor informativo. A realidade dos acontecimentos narrados é, inclusive, um dos elementos que dá credibilidade à atividade jornalística como um todo (inclui-se aqui o gênero ao qual denominamos Jornalismo Literário) (Soares e Vieira, 2021, p. 3).

O texto jornalístico literário possui a capacidade de mover pessoas e fazer com que as histórias construídas sejam vistas com olhos empáticos simplesmente utilizando elementos da literatura, como descrições detalhadas de personagens e cenas, diálogos ricos e uma maior subjetividade (Soares e Viana, 2021). Esses recursos permitem que os assuntos sejam abordados de maneira mais profunda e humanizada.

O mesmo fato é evidenciado nos estudos de Brites, Souza e Cruz (2014) a respeito das obras do jornalista Caco Barcellos, que verificam, em seus livros, o hibridismo do jornalismo literário e o grande exercício investigativo presente, dando a dimensão da grandiosidade e da dificuldade do trabalho deste profissional que mais tarde também se consolidou como escritor após a publicação de seus trabalhos literários.

Segundo Brites, Souza e Cruz (2014), *Rota 66* e *Abusado* renderam a Caco Barcellos, além de prêmios, grande sucesso junto à crítica e aos leitores, que reconheceram o valor dos livros-reportagem tanto por sua função informativa quanto por sua riqueza literária.

Soares e Vieira (2021) destacam que o produto principal do Jornalismo contemporâneo é a notícia, sendo ela um acontecimento real, não fictício. E também afirmam que conforme Traquina (2005, apud Soares e Vieira 2021) o jornalismo é um conjunto de “histórias” da vida – englobando tudo que está ligado a ela, sejam vitórias ou tragédias.

⁶ *Mainstream*, segundo o site Dicionário Priberam, é uma corrente cultural ou ideológica que é mais divulgada ou dominante em determinado local e período.

Os recursos literários empregados nos textos jornalísticos literários têm a capacidade de aproximar o texto e o leitor, despertando um interesse mais profundo na leitura. Brites, Souza e Cruz (2014) afirmam que em 1973, Tom Wolfe, um dos precursores do jornalismo literário, nomeou o gênero e destacou seus recursos-base: O ponto de vista, a reconstrução das cenas, o registro de diálogos e a profunda caracterização dos personagens.

As coisas mais importantes que se tentavam em termos de técnica dependiam de uma profundidade de informação que nunca havia sido exigida do trabalho jornalístico. Só através das formas mais investigativas de reportagem era possível, na não-ficção, usar cenas inteiras, diálogo extenso, ponto de vista e monólogo interior (Wolfe, 2005 apud Brites, D. B., et al., 2014, p.5).

Pena (2017, apud Soares e Vieira, 2021) afirma que o jornalismo literário visa potencializar os recursos jornalísticos, bem como superar as limitações dos eventos diários, oferecer perspectivas amplas da realidade, isto é, novas perspectivas, romper com as restrições burocráticas do lead, evitar definições superficiais e também assegurar a durabilidade e a profundidade dos relatos.

Ainda sobre os recursos literários empregados em textos jornalísticos, Rotter e Pontes (2016, apud Soares e Vieira 2021) entendem esses recursos como valores-notícia definidos por “interesse humano” e “personalização”. O interesse humano seriam assuntos que afetam a vida das pessoas em geral e geram conversação e sensações. Bem como, notícias que buscam conscientizar para algum problema ou denunciar alguma situação.

Já a “personalização”, é definida pelos autores Rotter e Pontes (2016, apud Soares e Vieira, 2021) como a busca por dar destaque às pessoas na narrativa, isto é, a ação do indivíduo. São histórias, muitas vezes, de pessoas comuns que fazem algo insólito ou heroico. Essa forma de construção da notícia gera empatia e atrai leitores.

Soares e Vieira (2021) ressaltam que as temáticas de reportagens do Jornalismo Literário, em especial, nas décadas de 1960 e 70, traziam assuntos relacionados às questões sociais e à violação dos direitos humanos, buscando dar voz às minorias. Para Trindade e Inácio (2017, apud Soares e Vieira, 2021) o Jornalismo Literário tem, como potencial, revelar uma ampla gama de realidades e pontos de vista sociais, sobretudo daqueles que são marginalizados, ou até mesmo invisíveis, para a sociedade.

No contexto do Jornalismo Literário contemporâneo, as revistas Piauí e The New Yorker se destacam como exemplos representativos deste gênero. Soares e Vieira (2021) afirmam que ambas possuem publicações informativas que compartilham um estilo textual semelhante, utilizando técnicas próprias do jornalismo literário para envolver o leitor. É possível observar que os temas abordados são variados, abrangendo desde política até futebol, e frequentemente incorporam humor em suas narrativas. Além disso, essas revistas mantêm uma identidade visual semelhante, caracterizada por capas ilustradas, e contam com a colaboração de jornalistas, artistas gráficos e escritores renomados. Seus conteúdos incluem reportagens, crônicas, ficção, ensaios e críticas.

surgiu o cenário em que jornalistas não buscam apenas o sonho de se tornarem escritores ficcionais, mas passam a buscar a literatura por meio da prática jornalística, ou seja, desejam que as suas reportagens, relatadas em formato de livro, tornem-se literárias, atemporais, rompendo assim com as dicotomias entre os gêneros literário e jornalístico (Brites, Souza e Cruz, 2014, p.4).

Ainda sobre o contexto atual do jornalismo literário, as obras de Caco Barcellos geram uma série de análises sobre seus métodos e práticas, o que a torna tema recorrente em estudos de comunicação. Brites, Souza e Cruz (2014) reforçam que a contribuição do jornalista, vai além do campo acadêmico, e oferece uma nova perspectiva sobre o papel do jornalismo na atualidade e influenciando diretamente a formação de novos jornalistas.

Bahia (2009) argumenta que o progresso da modernidade impacta tanto a forma de produção quanto o conteúdo gerado pela imprensa, estabelecendo novos paradigmas ideológicos e textuais. O jornalismo, então, adota um estilo que racionaliza a informação em termos de forma, tempo e espaço, visando atender à demanda crescente por dados.

Lima (2009) define o jornalismo literário como uma prática de reportagem aprofundada que utiliza elementos da literatura. Lima (2009) ainda ressalta que os princípios fundamentais desse tipo de jornalismo incluem a presença da voz autoral e a humanização das pessoas retratadas, que são tratadas como mais do que meras fontes de informação. Em ambos os aspectos, a subjetividade é destacada como um componente essencial da narrativa jornalística.

Demétrio (2007) sugere que o texto jornalístico, ao afastar-se das normas rígidas que definem a prática tradicional do jornalismo, adquire um caráter literário e

passa a operar em uma nova modalidade. Assim como no New Journalism, ele se posiciona entre jornalismo e literatura, combinando características de ambos e dissolvendo as formas estáticas do processo de produção, criando um espaço aberto de experimentação. Segundo Lima (2009), o New Journalism, como uma corrente inovadora dentro da tradição do jornalismo literário, busca renovar a capacidade sensibilizadora do texto por meio da incorporação de elementos literários.

Pereira e Gushiken (2017) corroboram essa visão ao destacarem que o New Journalism, que emergiu nos Estados Unidos na década de 1960, revolucionou o jornalismo ao utilizar recursos literários para tratar textos factuais. Essa abordagem diferenciada se afastou dos padrões jornalísticos tradicionais e impactou o público com suas narrativas inovadoras. Nesse contexto, Wolfe (2005, apud Brites, Souza e Cruz, 2014) ressalta que desautomatizar o jornalismo e tratá-lo como um objeto estético envolve a aplicação de múltiplos recursos para estimular tanto a esfera intelectual quanto emocional do leitor. A literatura e suas técnicas ofereceram um campo fértil para essa experimentação, possibilitando novas formas de narrativa e engajamento com o público. De acordo com Pereira e Gushiken (2017) a narrativa literária valoriza a experiência individual e as nuances humanas:

A subjetividade, fitada com desconfiança pelo jornalismo imputado impessoal, tem outro status na literatura e na arte, de modo geral. O reposicionamento da subjetividade das pessoas retratadas nas histórias do jornalismo literário tem o efeito de humanizá-las. Em termos narrativos, entende-se esse deslocamento como uma valorização da experiência individual da personagem (Pereira; Gushiken, 2017, p.5).

De acordo com Pereira e Gushiken (2017), a humanização no jornalismo, alcançada através da construção de personagens, destaca a importância da subjetividade das pessoas retratadas no texto. Nesse processo, a narrativa é moldada a partir da vida simbólica e da experiência humana, com as pessoas ocupando o papel central na matéria reportada. O foco no ser humano é central tanto na narrativa quanto na realidade retratada pelo jornalismo literário (Lima, 2009). A humanização não é um desvio da matéria jornalística, mas parte essencial da construção narrativa, com ênfase no ser humano em meio aos demais elementos constituintes de uma boa reportagem.

2.4 Tipos de jornalismo literário

Como abordado anteriormente, o jornalismo literário se diversifica de várias maneiras, fato que enriquece a prática jornalística com técnicas narrativas e estilísticas. Os autores citados até então nos dão a noção de que entre os principais tipos de jornalismo literário estão a reportagem literária, o New Journalism, o Jornalismo Gonzo, o Livro reportagem, o Perfil e a Crônica. Cada um traz uma abordagem para a narrativa, seja através da reflexão pessoal, da construção detalhada de histórias reais, da fusão entre literatura e jornalismo, ou da imersão, mesmo que subjetiva, do repórter. Neste capítulo buscamos explorar essas formas, destacando suas características e contribuições para o campo do jornalismo literário.

A reportagem como gênero jornalístico, pode variar em relação ao formato: narrativas, descritivas ou dissertativas. Entretanto, ela geralmente possui características pessoais do repórter, uma vez que ele presencia os acontecimentos, seu estilo pode refletir no texto. Por essas razões, a reportagem se aproxima da prosa de ficção. Não apenas a anunciação de um acontecimento, mas também o detalhamento dos fatos, caracterizam a reportagem situando o leitor em um determinado espaço, tempo e contexto.

Lima (2009) afirma que, de todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem é a que mais se apropria do fazer literário. À medida que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem.

Para Horst e Fernandes (2017), a finalidade do jornalismo literário e da reportagem como recurso para o gênero, seria promover uma cobertura colorida, lançando olhares profundos à realidade e exercendo, de fato, cidadania, se afastando das fórmulas rotulantes e gerando alguma durabilidade e relevância às produções. Os autores também afirmam que símbolos podem ajudar o leitor a entender e desvendar melhor a vida apresentada na reportagem. Isto é possível através de detalhes minuciosos do ambiente e do comportamento dos entrevistados reportados no texto, dessa forma o narrador procura possibilitar a maior quantidade possível de informações ao leitor para que ele consiga esboçar também uma imagem.

No estudo de Horst e Fernandes (2017), as autoras procuram analisar as obras da jornalista Adélia Maria Lopes, escritora do jornal cultural paranaense

intitulado Nicolau. Ambas autoras afirmam que, ao analisar as reportagens de Adélia, percebem que o jornalismo literário promove uma união entre força comunicativa e qualidade estética em relatos de não ficção, trazendo uma leitura cultural mais eficiente.

Em uma das análises sobre a reportagem de Adélia Maria, Horst e Fernandes (2017) afirmam que, no momento de escrever sobre uma viagem, a autora faz um passeio sensorial pelas experiências que viveu. Em reportagens literárias, vez ou outra o jornalista aparece como personagem. Fato este, que fica exemplificado e claro neste parágrafo, em que ela afirma que a água é boa e conta sobre os sabores experimentados em um sítio arqueológico:

Almir Pontes Filho nos conduz por aquelas “ruas” cobertas pela mata. Os monturos dão a ideia da existência de uma casa aqui, outra ali. Um dos caminhos leva, certinho, a uma nascente. A água é gostosa. Sobre o pequenino lago que se forma pendem laranjeiras centenárias. O gosto da laranja tem sabor silvestre. Em 1865, os engenheiros José e Francisco Keller descreveram (o documento original encontra-se na Seção de Iconografia da Biblioteca Nacional) um pomar localizado nas ruínas de povoados espanhóis ali, naquela região. No pomar os irmãos avistaram “arvoredo baixo de laranjas azedas”. Que mãos plantaram aquelas laranjeiras que ainda dão frutos? (Horst; Fernandes, 2017, p.104-16).

De acordo com Martelli (2006), o Jornalismo Gonzo foi criado pelo jornalista Hunter S. Thompson no início da década de 1970, como uma forma de romper com o modelo tradicional de jornalismo, que priorizava a objetividade e o distanciamento do repórter. O Gonzo desafia essas convenções ao integrar o jornalista como um participante ativo dos acontecimentos, utilizando sua subjetividade para construir a narrativa. Ao invés de relatar os fatos de maneira impessoal, o repórter compartilha suas próprias percepções e emoções, tornando o relato mais envolvente e pessoal.

Ainda segundo Martelli (2006), uma das principais características do Jornalismo Gonzo é o uso da primeira pessoa. Ao se inserir na história, o jornalista não apenas observa os fatos, mas também busca participar ativamente deles, muitas vezes misturando realidade e ficção. Thompson, em sua obra "Medo e Delírio em Las Vegas" - 1971, faz isso ao narrar sua experiência em uma viagem caótica, onde o uso de drogas e as reflexões pessoais são centrais para a narrativa.

O tom provocador e irreverente é outro aspecto marcante, bem como, o humor ácido, o sarcasmo a crítica social, a informalidade e o uso de exageros. Martelli (2006) ressalta que isso são ferramentas utilizadas para criar uma narrativa

que mistura realidade e fantasia, deixando claro que o objetivo não é a imparcialidade, mas sim uma interpretação mais pessoal e envolvente dos acontecimentos.

Como afirmado por Ritter (2013), autores como Tom Wolfe, Truman Capote e Gay Talese buscaram explorar mais profundamente os aspectos emocionais e psicológicos dos personagens, criando narrativas que se aproximavam da literatura, consagrando-se assim como os precursores do New Journalism. Martelli (2009) observa que o objetivo do New Journalism era capturar a complexidade dos eventos, proporcionando uma experiência mais rica e envolvente ao leitor. Diferentemente do Jornalismo Gonzo, o New Journalism mantém o jornalista em uma posição mais observadora, embora também utilize a subjetividade para enriquecer a narrativa. Em "A Sangue Frio" (1966), Truman Capote reconstrói os eventos de um crime real com detalhes minuciosos, mas sem se inserir na história como personagem. O autor afirma que o foco está em oferecer uma narrativa precisa e envolvente, que explore as emoções e as motivações dos envolvidos, sem comprometer a veracidade dos fatos.

É importante ressaltar que o New Journalism é caracterizado pelo uso de técnicas como diálogos reais, descrições detalhadas e a construção de cenas, que tornam a narrativa mais dinâmica e literária, se diferenciando por proporcionar ao leitor uma abordagem profunda e detalhada da realidade. Embora o jornalista não seja o protagonista, ele tem a liberdade de interpretar os fatos de forma criativa, criando uma conexão mais forte entre o leitor e os eventos narrados.

Assim como a reportagem literária, o livro-reportagem também utiliza técnicas narrativas para envolver e aprofundar o leitor nos fatos. No entanto, o livro-reportagem se diferencia por ser mais extenso, desta forma permite uma investigação ainda mais profunda dos acontecimentos e uma maior elaboração de personagens e contextos. Conforme Oliveira (2006), o livro-reportagem é uma forma de jornalismo que, ao explorar fatos de maneira detalhada, adota uma estrutura narrativa que permite uma abordagem mais profunda e complexa dos acontecimentos, assim como as demais, porém, o livro-reportagem se destaca por ir além do relato factual, oferecendo uma narrativa que busca contextualizar os eventos, relacionando-os a aspectos históricos, sociais e políticos, o fato que amplia a compreensão sobre o tema abordado.

Segundo Maciel (2021), a característica da personificação também é atribuída ao livro-reportagem, e pode ser percebida não apenas nas biografias, mas também nas reportagens históricas, onde se observa um relato da história com diferentes níveis de personalização, dependendo do contexto. O livro reportagem proporciona uma experiência de contemporaneidade em relação ao assunto, à trama e às pessoas de que o repórter fala, mediante o contato direto, imediato e envolvente que o discurso proporciona (Catalão, 2010).

De acordo com Villas Boas (2013), os periódicos passaram a apostar na publicação de perfis literários, a partir da década de 1930, onde retratavam figuras importantes da época de forma mais humana, misturando o jornalismo e a literatura. Muitos jornais e revistas usam recursos literários em seus perfis na intenção de narrar melhor a história do entrevistado e criar uma maior identificação deste personagem com o leitor (Souza, 2016). Assim, os perfis são transformados praticamente em pequenos contos.

É importante destacar que perfis literários, segundo Dias (2015) são mais conhecidos hoje por entrevistas de perfil, onde exploram figuras do mundo artístico, cultural, político ou científico. A autora ainda afirma que sua estrutura narrativa, geralmente inclui título, parágrafo introdutório, foto legendada com citação e retextualização da entrevista em formato comentado, e assim consegue mesclar a voz do entrevistado com a interpretação do autor.

Para Ferrari e Sodré (1986, apud Souza, 2016), os personagens apresentam três tipos de perfis distintos. O primeiro, intitulado “personagem-indivíduo”, é um perfil um tanto quanto psicológico, que foca nas atitudes peculiares de uma pessoa. O segundo, chamado “personagem-tipo”, abrange os perfis de celebridades e enfatiza os atributos que lhes conferem fama, como dinheiro e habilidades. Por fim, o terceiro, “personagem-caricatura”, trata de pessoas com comportamentos extraordinários, mirabolantes e exibicionistas.

Conforme Souza (2016), a elabora o de um bom perfil pode variar em dura o, levando desde algumas horas até várias semanas, dependendo de diversos fatores que influenciam o processo de pesquisa e escrita. A autora também ressalta que aspectos como a dura o do encontro com a fonte, o tempo disponível para redigir o texto, o espaço limitado do veículo e a relevância do personagem são determinantes (Souza, 2016).   necessário que a fonte não apenas atraia o interesse do jornal ou do repórter, mas também seja interessante para o público.

A respeito da crônica, ela se destaca como gênero de natureza poética e reflexiva, que permite ao leitor captar o cotidiano de outras formas e criar uma conexão íntima com a história. Segundo Galelli (2009), a crônica contemporânea pode ser semelhante a outros gêneros jornalísticos como editoriais, artigos e comentários, mas se diferencia da notícia e da reportagem.

Galelli (2009) classifica as crônicas com base na natureza do tema, abrangendo a crônica geral, a crônica local e a crônica especializada. Além disso, elas podem ser diferenciadas pelo enfoque adotado, podendo ser analíticas, sentimentais ou satírico-humorísticas.

Já conforme Siebert (2014), a crônica é um gênero marcado pela simplicidade e pela leveza na abordagem de temas do cotidiano, muitas vezes utilizando a linguagem coloquial. Outra característica marcante é a observação de pequenos detalhes do dia a dia, transformando isto em matéria literária. A crônica também se diferencia pelo tom subjetivo, muitas vezes trazendo a voz do cronista como um narrador próximo, que conversa diretamente com o leitor, estabelecendo uma relação de intimidação e identificação.

2.4.1 As crônicas jornalísticas no digital

As crônicas jornalísticas no ambiente digital, principalmente nas últimas três décadas, passaram por um processo de adaptação e popularização, mantendo sua relevância dentro da literatura brasileira. Segundo Garcia (2020), a transição desse gênero, tradicionalmente vinculado aos jornais impressos, para as plataformas digitais, ocorreu de maneira natural, devido às características da crônica, como o seu formato curto, a leveza na escrita e a capacidade de dialogar diretamente com o leitor. O autor ressalta que, a partir da década de 1990, com a chegada e popularização da internet no Brasil, os jornais e revistas começaram a explorar versões online, proporcionando um novo suporte para a publicação de crônicas.

Garcia (2020) afirma que nos primeiros anos da internet, os blogs se tornaram uma das principais plataformas de publicação de crônicas, com textos que muitas vezes abordavam o cotidiano de forma leve. Com isso, surge então um conceito até então desconhecido, chamado “blônicas”, que foi criado da junção das palavras “blog” e “crônica”. No ambiente digital, esses textos ganharam ainda mais força com a Web 2.0, que possibilitou uma maior interação entre os cronistas e seu público,

especialmente nas redes sociais digitais, como o Facebook. Nessas plataformas, o cronista não apenas publica suas crônicas, mas também recebe feedback quase que imediato, ampliando o diálogo com os leitores.

Para Garcia (2020) essa dinâmica digital também alterou a lógica de consumo da crônica, se antes o sucesso era medido pela venda de exemplares impressos, no ambiente virtual, o destaque está no número de visualizações, compartilhamentos e interações, especialmente nas redes sociais. Essa mudança reforça o papel das crônicas como produtos culturais relevantes, mesmo fora do suporte impresso.

Em seu estudo, Garcia (2020) afirma que diversos jornais pioneiros no Brasil, como o Jornal do Brasil e a Folha de S. Paulo, foram responsáveis por transpor suas crônicas para o ambiente digital já nos anos 1990. O autor traz o Jornal do Brasil como exemplo dos primeiros veículos a ter uma versão online (1995), fato que abriu espaço para a publicação de crônicas diretamente na web. Revistas como Veja e portais literários, como O Rascunho e Digestivo Cultural, também seguiram um tempo depois, mais precisamente nos anos 2000, consolidando assim o formato em suportes digitais.

No entanto, ao decorrer desta pesquisa, percebemos que há pouca base teórica sobre o papel da crônica no ambiente digital. Embora seja um gênero com longa tradição, pouco se discute sobre sua função como jornalismo literário nas novas plataformas. A maioria dos textos encontrados aborda o começo do jornalismo dentro da web, de uma maneira geral, mas há de fato, uma escassez de análises sobre a crônica no digital, mais precisamente no cenário atual e no que se refere à sua relevância como uma forma de jornalismo literário. Fato que evidencia a importância do presente estudo.

A evolução do jornalismo online pode ser dividida em diferentes gerações, cada uma com características e avanços específicos. As duas primeiras fases, conforme Luciana Mielniczuk (2002), foram mais experimentais do que realmente inovadoras. Inicialmente, a prática se resumia a replicar na internet o conteúdo dos jornais impressos, sem maiores adaptações ao novo meio. Com o tempo, surgiu uma segunda etapa, em que foram introduzidos elementos de hipertexto e uma comunicação básica entre o jornal ou jornalista e o público, mas ainda com limitações em relação ao aproveitamento das possibilidades digitais.

Na terceira geração, conhecida como webjornalismo, ocorre uma mudança significativa, pois os veículos começam a aproveitar de forma mais aprofundada as

funcionalidades oferecidas pela internet. Mielniczuk (2002) descreve essa fase como um marco em que os sites jornalísticos deixam de ser meras versões digitais dos jornais impressos e se tornam plataformas independentes, explorando as características únicas do ambiente online. Na sequência, a quarta geração, segundo Suzane Barbosa (2007), leva o jornalismo digital a um nível ainda mais avançado, utilizando bases de dados e linguagens de programação para potencializar o conteúdo, proporcionando uma experiência informativa mais dinâmica e interativa.

2.4.2 Característica e estrutura da crônica literária

Beltrão (1980) define a crônica ao considerar que, ao longo do tempo, ela evoluiu e se diversificou, refletindo as transformações ocorridas no jornalismo e na sociedade. A multiplicidade de temas envolvidos e a flexibilidade no tratamento desses temas tornam a crônica uma forma de expressão mais acessível e dinâmica, tanto para o jornalista quanto para o leitor. A divisão em crônica geral, local e especializada, bem como a variação entre as abordagens analíticas, sentimentais e satírico-humorísticas, visa refletir sobre diversas funções e objetivos da crônica, que pode variar desde a análise profunda de um tema até a crítica humorística e superficial. A classificação permite, assim, uma compreensão mais clara das diferentes formas de crônica no contexto jornalístico e facilita sua análise no campo do jornalismo literário contemporâneo.

Siebert (2014) observa que, apesar da distância do tempo e das diferenças de estilo, autores como Machado de Assis, Rubem Braga, Fernando Sabino e Luis Fernando Veríssimo compartilham uma compreensão comum do gênero crônica: privilegiar o que é diferente no dia a dia, sem perder a graça do dizer. Essa relação com os acontecimentos menores e o prosaico, ao mesmo tempo que aborda o inusitado da vida do homem comum, serve de base para os cronistas desenvolverem seus textos, refletindo a intenção do cronista de dialogar com o leitor de diferentes formas. Assim, a crônica não apenas narra, mas interpreta e critica, revelando a complexidade do cotidiano e da experiência humana. Dessa forma, a crônica se estabelece como um gênero versátil, capaz de transitar entre ficção e não-ficção, lirismo e humor, e abordar uma ampla gama de tópicos, reafirmando sua relevância no jornalismo contemporâneo.

A crônica como gênero literário é frequentemente caracterizada por sua capacidade de transformar o cotidiano em narrativa poética e reflexiva. Ao registrar pequenos acontecimentos do dia a dia, ela vai além de uma simples descrição, inserindo uma dimensão subjetiva e criativa ao relato. Conforme aponta Galelli (2009), a crônica se situa entre o jornalismo e a literatura, oferecendo uma perspectiva particular sobre os eventos rotineiros enquanto Moisés (1978 apud Galelli 2009) sugere que esse gênero flui entre a poesia e o conto, permitindo ao autor uma liberdade estilística que traz profundidade mesmo nas narrativas mais simples.

Muitos estudiosos concordam que a crônica é um gênero tipicamente nacional. Bender e Laurito (1999, apud Tuzino 2009) afirmam que, quando a imprensa brasileira se consolidou, os folhetins da França se adaptaram e floresceram de tal maneira que muitos críticos contemporâneos consideraram a crônica um fenômeno literário brasileiro.

Para Siebert (2014) a crônica, pela sua natureza híbrida, oferece uma rica liberdade de criação, posicionando-se como um ponto de intersecção entre o jornalismo e a literatura. Sua flexibilidade permite que o cronista explore temas diversos de maneira subjetiva e poética, diferenciando-se das formas jornalísticas mais tradicionais. Essa liberdade é justamente o que a proporciona essa fusão entre a realidade factual e a expressão artística, características essenciais desse gênero.

Segundo Coutinho (1995), a crônica é um gênero literário com desenvolvimento próprio e uma estética refinada. Ele destaca que, apesar de sua publicação em jornais, a crônica não perde valor literário, sendo uma forma de arte autônoma e específica. Tristão de Ataíde até criou o termo "cronismo" para designar a crônica brasileira, reconhecendo sua singularidade e importância dentro da literatura nacional. Coutinho ainda afirma que, mesmo comparada à literatura portuguesa, a crônica brasileira se destaca por sua originalidade.

Podemos definir a crônica como sendo uma arte da palavra, pessoal e subjetiva. Coutinho (1995) ressalta que, o cronista ao lidar com as pequenas nuances da vida cotidiana, faz uso da linguagem coloquial, mas com uma carga dramática que conversa com a realidade. A simplicidade da crônica não implica superficialidade, pelo contrário, ela reflete as complexidades do cotidiano de forma íntima e literária, sem a necessidade de informar, ensinar ou orientar.

Embora a crônica seja considerada um "gênero literário menor" por autores como Cândido (1992), essa definição não diminui sua importância. A leveza, a simplicidade e o caráter efêmero da crônica são marcas de sua singularidade, estabelecendo-a como um gênero que se distingue dos grandes formatos literários, como o romance ou o conto, mas que mantém um espaço significativo tanto na literatura quanto no jornalismo (Candido, 1992 apud Galelli, 2009).

No âmbito jornalístico, a crônica se diferencia de outros gêneros como o editorial e a notícia por sua capacidade de apreender significados e ironizar ou vislumbrar a dimensão poética dos fatos cotidianos. Segundo Siebert (2014), a relevância do discurso jornalístico está associada à busca de um sentido de unidade e de uma "pretensa" verdade, focada no acontecimento histórico e na descrição dos fatos, mais do que em sua qualidade estética. Por outro lado, no gênero crônica, o discurso jornalístico e seu modo de produção não impedem a incorporação de elementos literários, como toques poéticos, ficcionais ou dramáticos, como ocorre nas crônicas de autores como Rubem Braga, Nelson Rodrigues e Clarice Lispector.

Siebert (2014) também aponta que, devido à sua natureza híbrida, a crônica é difícil de ser enquadrada ou classificada em uma única esfera. Isso se deve ao fato de que ela se constitui a partir de uma interseção dos discursos da história, do jornalismo e da literatura, tornando sua categorização um desafio.

Conforme Beltrão (1980, apud Galelli 2009), a crônica literária é um gênero marcado pela flexibilidade temática e pela capacidade de explorar os mais variados aspectos do cotidiano. Essa classificação detalhada contribui para a compreensão das diferentes vertentes da crônica e de suas características específicas. A Tabela 1 apresenta um resumo dessa classificação.

Tabela 1 – Classificação crônica segundo Beltrão (1980)

TIPO DE CRÔNICA	DESCRIÇÃO
CRÔNICA GERAL	Também pode ser chamada de coluna ou seção especial. Aborda assuntos variados sob uma epígrafe geral, sendo distribuída em duas ou mais colunas, com localização fixa na página.
CRÔNICA LOCAL	Conhecida como urbana ou da cidade. É divulgada com uma epígrafe fixa, em coluna e página fixa, fala sobre a vida cotidiana da cidade, orientando a opinião pública local.
CRÔNICA ESPECIALIZADA	Pode ser conhecida como comentário. Foca em assuntos de áreas específicas (política, esportes, economia), escrita por um especialista e publicada em seções específicas dos jornais.

Fonte: Adaptado de Beltrão, elaborado pela autora.

A Tabela 2 foi elaborada pela autora com base na classificação de Beltrão (1980) sobre os tipos de crônicas. Esta busca organizar as diferentes tipologias descritas por Beltrão, refletindo sua categorização quanto à natureza do tema e ao tratamento dado. Essa organização visa facilitar a compreensão e a estruturação da produção da crônica.

Tabela 2 – Tratamento do tema segundo Beltrão (1980)

TRATAMENTO DO TEMA	DESCRIÇÃO
ANALÍTICA	Fatos expostos com brevidade e objetividade, com características de um ensaio científico. Dirige-se mais à inteligência, com linguagem sóbria e elegante, mas também caprichosa.
SENTIMENTAL	Apela à sensibilidade do leitor, explorando aspectos líricos e emocionais dos fatos. A linguagem é vivaz e ágil, com ritmo leve, podendo usar até mesmo a poesia.
SATÍRICO-HUMORÍSTICA	Critica ou ridiculariza fatos e personagens, com o objetivo de advertir ou entreter. Emprega linguagem irônica, superficial e com duplo sentido, semelhante a uma charge.

Fonte: Adaptado de Beltrão, elaborado pela autora.

Além de classificar a crônica, o autor também propõe etapas fundamentais para sua construção, enfatizando a importância de uma abordagem cuidadosa e estruturada. As fases desse processo estão sintetizadas na Tabela 3.

Tabela 3 – Etapas para a construção da crônica segundo Beltrão (1980)

ETAPAS	DESCRIÇÃO
1º) DOMINAR O TEMA	Calcular toda sua extensão e alcance, a força daquilo que chegou ao seu conhecimento ou tocou sua sensibilidade, inteirando-se amplamente de suas causas, aspectos significativos, sequência lógica, efeitos imediatos e provável repercussão.
2º) SELECIONAR OS DADOS	Reger o tema, para levá-lo ao conhecimento público no que tenha de veraz, conveniente e oportuno, observando as normas práticas e éticas que presidem o exercício da divulgação ou supressão de matérias de interesse jornalístico, com vistas sempre ao desenvolvimento, bem-estar e maior proveito da comunidade.
3º) REDIGIR O TEXTO	Esta etapa é dividida em três fases, são elas: a) introdução do tema; b) argumentação ou desenvolvimento do raciocínio; c) conclusão ou emissão de juízo sobre o tema, oferecendo uma solução ou ação para o leitor.

Fonte: Adaptado de Beltrão, elaborado pela autora.

3. METODOLOGIA

O capítulo 3 trará o percurso metodológico desenvolvido pela pesquisa. Inicialmente é retratada a história do jornal Folha de S. Paulo e quando as crônicas passaram a fazer parte de sua trajetória. E por fim, é detalhada a metodologia utilizada para esta pesquisa.

O jornal A Folha de S. Paulo foi fundado em 1921, começou com o nome "Folha da Noite", voltado para temas cotidianos, como esportes e notícias policiais, e para um público mais popular. Com o tempo, expandiu seu alcance e passou a abranger uma variedade de temas, ganhando mais relevância no cenário político e cultural brasileiro.

Em 9 de julho de 1995, a FolhaWeb foi lançada, sendo o primeiro canal online da Folha e o primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa. Esse lançamento ocorreu em um período em que a internet ainda era uma novidade no Brasil e usada majoritariamente em universidades. A criação da Folha Online em 1999 marcou o início da operação independente da versão digital, com desafios tecnológicos significativos e foi pioneira no *paywall*⁷, mantendo-se entre os primeiros no ranking em assinaturas digitais e redes sociais.

A Folha de S. Paulo começou a incluir crônicas ainda no início de sua trajetória, com nomes que marcaram o gênero, como Rubem Braga e Nelson Rodrigues. Atualmente, conta com colunistas diversos, como Fernanda Torres e outros autores que transitam entre a crítica social, o humor e a reflexão pessoal. A publicação de crônicas na Folha abrange uma ampla variedade de temas e estilos, proporcionando aos leitores uma visão mais humanizada e artística de eventos e questões cotidianas. Mesmo sendo um gênero do jornalismo literário e frequentemente publicadas em jornais, as crônicas nem sempre são escritas por jornalistas. Muitos cronistas são escritores, artistas ou profissionais de outras áreas que utilizam o espaço jornalístico para compartilhar reflexões, críticas e narrativas, trazendo perspectivas diversas para o público leitor.

Neste capítulo, apresentamos a análise de conteúdo (AC) como método aplicado no contexto da presente pesquisa. A análise tem como foco publicações de dois escritores/colunistas, Tati Bernardi e Antonio Prata, no site da Folha de S.

⁷ Segundo o site Hubchannel, o *paywall* é um sistema de cobrança de assinaturas para os conteúdos digitais, que jornais e revistas online utilizam para ofertar conteúdos exclusivos para os assinantes.

Paulo. Esse método permite uma abordagem sistemática para categorizar e interpretar o conteúdo, investigando temas recorrentes, estilo narrativo, frequência de publicação e a interação com o formato digital.

A seleção desses dois autores foi motivada pelos tópicos abordados por cada um e pela maneira de construir suas narrativas: Tati Bernardi, cuja produção já era familiar desde o começo da graduação, traz uma escrita intimista e irônica, explorando o cotidiano e temas existenciais. Seu nome completo é Tatiane Bernardi Teixeira Pinto, nasceu em 29 de abril de 1979, na cidade de São Paulo. É publicitária, escritora, cronista, romancista, podcaster, crítica literária, roteirista e colunista, Tati construiu uma carreira multifacetada, destacando-se no cenário literário e audiovisual brasileiro. É graduada em Propaganda e Marketing pela Universidade Mackenzie, e começou sua trajetória profissional como redatora publicitária, mais tarde, ampliou sua atuação com cursos de pós-graduação em roteiro e cinema. Inicialmente, suas obras eram voltadas para um público de jovens mulheres e abordavam questões sobre relacionamentos. Com o tempo, sua produção evoluiu para incluir textos de autoficção, tratando de temas como política, maternidade e questões emocionais. Entre seus livros mais conhecidos estão "A mulher que não prestava" e "Tô com vontade de alguma coisa que eu não sei o que é". Tati se consolidou como cronista em veículos como Viagem & Turismo e Folha de S. Paulo, além de ser blogueira e roteirista para a TV Globo.

Já Antonio Prata foi identificado após pesquisa nas colunas do jornal, e seu trabalho é destacado pela sua habilidade em transformar temas comuns em narrativas instigantes o que o tornou uma referência no jornalismo literário e na literatura contemporânea brasileira. Antonio de Góes e Vasconcellos Prata, nasceu em 24 de agosto de 1977, na cidade de São Paulo, é escritor, cronista e roteirista. Estudou Filosofia na Universidade de São Paulo (USP), Cinema na Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) FAAP e Ciências Sociais na PUC-SP Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Filho dos escritores Mário Prata e Marta Góes, colabora como colunista da Folha de S. Paulo desde 2010. Publicou livros como Nu, de botas (2013) e Trinta e poucos (2016), além de obras infantojuvenis. Como roteirista, trabalhou em novelas como Avenida Brasil e A Regra do Jogo e na série Os Experientes, vencedora do prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e finalista do Emmy Awards. Em 2023, ganhou o APCA de melhor série de comédia por Encantado's.

Um ponto importante a ser mencionado é a dificuldade de localização específica das crônicas no portal da Folha de S. Paulo, uma vez que o acesso a essas publicações não está sistematicamente categorizado. Em vez disso, o conteúdo de crônicas precisa ser encontrado por meio de pesquisas específicas, coluna por coluna, o que pode dificultar uma navegação direta pelos leitores na busca desse gênero. Essa dispersão reflete uma organização que se concentra mais nos colunistas do que no formato literário das publicações, o que representou um desafio na coleta e análise dos dados para esta pesquisa.

Com a intenção de superar essa dificuldade e garantir uma amostra representativa, foi delimitado o primeiro trimestre de 2024 como período de estudo, escolha que proporcionou uma visão abrangente da produção de crônicas dos autores escolhidos. Estruturada em categorias como temas sociais, cultura e arte, reflexões pessoais, humor e crítica, a análise de conteúdo seguiu uma categorização flexível, adaptada conforme necessário para englobar as principais vertentes encontradas nas crônicas.

Moraes (1999) afirma em seus estudos que a análise de conteúdo é uma metodologia de pesquisa empregada para descrever e interpretar diversos tipos de comunicações. Segundo essa abordagem, a análise realiza descrições sistemáticas, sejam elas qualitativas ou quantitativas, permitindo a reinterpretação das mensagens e uma compreensão mais profunda de seus significados, que ultrapassa a simples leitura superficial.

Cardoso e Monteiro (2022) reafirmam que a análise de conteúdo é muito utilizada em pesquisas de comunicação por sua capacidade de abranger tanto a dimensão quantitativa quanto a qualitativa dos dados. A AC segue um conjunto de passos, conforme destacado por autores como Fonseca Júnior (2006) e Bardin (2011). O processo começa com uma pré-análise, uma leitura exploratória do material, permitindo que o pesquisador tenha familiaridade com o conteúdo. A partir dessas primeiras impressões, é possível escolher o tipo de pesquisa, que pode ser descritiva, comparativa, longitudinal, entre outras estabelecidas por Bauer (2002, apud Cardoso e Monteiro, 2022). Podemos definir unidades de análise, como edições de um periódico ou textos específicos, conforme o foco da pesquisa. Na seleção da amostra, Bardin (2011) sugere considerar exaustividade, homogeneidade, pertinência e representatividade para garantir a validade dos dados.

Nesta pesquisa, seguimos a orientação do autor, definimos como unidades de análise as crônicas publicadas por Tati Bernardi e Antonio Prata na Folha de S. Paulo, durante o primeiro trimestre de 2024, selecionado para estudo. A escolha desse período responde ao critério de exaustividade, visto que a delimitação temporal permite abranger todas as crônicas publicadas dentro de um intervalo representativo da produção dos autores.

Para organizar os dados, é necessário um instrumento de pesquisa com categorias de análise, que devem ser flexíveis para ajustes ao longo do estudo. Segundo Fonseca Júnior (2006), a codificação transforma os dados brutos em informações que podem ser quantificadas e analisadas de maneira sistemática. Bardin (2011) sugere que a categorização envolve agrupar os dados para facilitar a análise e tornar mais relevante para a pesquisa. Na fase de inferência, o pesquisador interpreta esses dados com base na teoria utilizada, contribuindo para a produção de conhecimento aplicável na área de comunicação.

A etapa de inferência e interpretação consistiu em uma análise dos dados categorizados, que foram interpretados com base na teoria do jornalismo literário. Essa fase permitiu destacar as especificidades do estilo de cada cronista, identificando como suas crônicas abordam temas atuais e estabelecem uma conexão reflexiva com o público.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO

A pesquisa foi constituída por crônicas de Tati Bernardi e de Antonio Prata, publicadas no primeiro trimestre de 2024 na Folha de S. Paulo. Os autores foram escolhidos devido às suas abordagens que de certa forma, se tornam semelhantes, tratando de temas sociais, como política e desigualdade, ou então explorando o cotidiano com humor e reflexões pessoais. Podemos notar que há uma diversidade de estilos e temáticas, que nos oferecem uma oportunidade para investigar como esses cronistas/escritores representam as facetas da sociedade contemporânea.

Para a seleção dos conteúdos, foi considerado o critério de publicações deste período, com o objetivo de entender a frequência com que crônicas são publicadas, em contraste com outros formatos, que podem ser diferentes em estilos e abordagens. A partir desse critério, as publicações foram extraídas diretamente da versão digital da Folha de S. Paulo. Na definição da amostra, adotamos o critério de exaustividade, conforme orientações de Bardin (2011), selecionando todas as crônicas publicadas no entre janeiro e março de 2024. Esse intervalo foi escolhido por ser representativo da produção dos autores, permitindo uma visão abrangente e detalhada da aplicação do jornalismo literário

4.1. Leitura e categorização

Após a seleção das 25 publicações, foi realizada uma leitura atenta e detalhada de cada texto, a fim de identificar os temas predominantes e o estilo narrativo de cada cronista. Durante a leitura, os seguintes aspectos foram considerados para a categorização:

- Temas sociais: Abordagens sobre política, desigualdade, questões de gênero, entre outros;
- Cultura e Arte: Discussões sobre cinema, música, literatura, etc;
- Reflexões pessoais: Crônicas introspectivas ou que relatam experiências cotidianas dos cronistas;
- Humor e crítica: O uso de humor e ironia para tecer críticas sociais ou culturais.

Semelhante à classificação detalhada de Beltrão (1980), as categorias foram adaptadas e escolhidas para refletir as principais dimensões exploradas nas

crônicas, permitindo uma análise abrangente dos textos. A inclusão de temas sociais é fundamental, pois aborda questões relevantes da sociedade contemporânea, como política, desigualdade e gênero. Siebert (2014) ressalta a crônica como um espaço de reflexão crítica sobre a realidade, justificando a importância de se analisar essas temáticas.

A discussão acerca de cultura e arte mostra a relação dos cronistas com a produção cultural e seu impacto na sociedade. Bem como, ressaltado por Soares e Vieira (2021) ao afirmar o potencial do jornalismo Literário com uma ampla gama de realidades e pontos de vista sociais. As reflexões pessoais, por sua vez, exploram a subjetividade dos autores, aproximando o leitor de suas experiências e pensamentos. Brites, Souza e Cruz (2014) afirmam que alguns recursos literários têm a capacidade de aproximar o texto e o leitor, despertando um interesse mais profundo na leitura.

Por fim, a utilização de humor e crítica é uma característica marcante das crônicas. O humor se mostra como uma ferramenta eficaz na comunicação de ideias e sentimentos, permitindo que os cronistas abordem questões sociais de maneira acessível e impactante, como é o caso de algumas publicações da revista Piauí.

A interação digital, observada por meio da quantidade e natureza dos comentários nas crônicas, é uma categoria que indica o engajamento do público com os temas abordados. Permitindo assim a resposta dos leitores ao avaliar a relevância dos textos em um contexto digital, onde a comunicação e o debate são potencializados pelas redes sociais e plataformas de comentários. Nesse sentido, a interação digital foi fundamental para analisar como a presença online influencia a percepção dos conteúdos e permite a circulação e ressignificação do material jornalístico, além de ressaltar o papel da crônica no diálogo com o público contemporâneo.

Quanto à tonalidade, essa categoria permite entender o tom dado pelos cronistas, usando elementos que orientam a abordagem emocional dos temas e contribuem para a construção de sentido do texto. A análise da tonalidade torna possível identificar se o autor recorre a um tom crítico, satírico, reflexivo ou humorístico, fato que influencia a interpretação e a experiência do leitor. A tonalidade escolhida pelo autor pode determinar o nível de envolvimento do leitor com o texto e, assim, reforçar o impacto da crônica ao evocar emoções que aproximam ou distanciam o público.

Por fim, a categoria objetivo, pode ser definida como uma dimensão fundamental para entender a função de cada crônica, seja informar, provocar reflexão, entreter ou criticar aspectos sociais e culturais. Avaliar o objetivo das crônicas estabelece uma relação entre a intenção do autor, a estrutura e o conteúdo apresentados, identificando como o autor faz uso da crônica para influenciar, informar ou provocar o público.

Essa abordagem categórica, sustentada pelos autores utilizados ao longo do trabalho e também pela tabela de Beltrão, facilita a comparação entre os colunistas, permitindo a identificação de padrões e diferenças em suas temáticas e estilos.

Tabela 4 - Análise das crônicas de Tati Bernardi (Folha de S.Paulo)

Data de publicação	Título	Categoria temática	Categorias do Estilo Narrativo	Interação Digital	Tonalidade	Objetivo
01/02/24	"Homens héteros cis engravidam?"	Temas sociais, reflexões pessoais, crítica social	Subjetividade, linguagem literária, metáforas, hipérboles.	61 comentários	Crítica, irônica.	Provocar reflexão sobre gravidez. Criticar apropriação masculina da narrativa feminina.
05/02/24	"Annie Ernaux explica em livro por que inventou uma forma de escrever"	Temas sociais, cultura e arte.	Prosa reflexiva, clara, direta, sem firulas; uso de citações, reflexões sobre a obra de Ernaux.	17 comentários	Crítica, reflexiva.	Busca explicar a reflexão da autora quanto a realidade social e pessoal, rompendo com convenções literárias tradicionais.
08/02/24	"Eu quero ser uma esposa-troféu"	Temas sociais, reflexões pessoais e críticas sociais.	Subjetivo irônico, crítico, humor ácido, linguagem literária, metáforas, hipérboles..	58 comentários	Irônico, autocrítico, empoderador.	Seu objetivo é quebrar estereótipos e valorizar conquistas pessoais.
15/02/24	"Diga não ao escritor"	Temas sociais, humor e	Prosa, irônica, direta, informal.	14 comentários	Crítica e humorística.	Provocar reflexão sobre a

		crítica.				sinceridade nas relações profissionais e criticar o medo de recusa.
20/02/24	“O sucesso literário como método de vingança”	Temas sociais, cultura e arte	Reflexivo, com tons de crítica e construção narrativa baseada em referências literárias e biográficas.	15 comentários	Introspectivo, com certa melancolia.	Explorar a ascensão social e a luta pela superação pessoal como forma de vingança.
22/02/24	“Não é aquela sua amiga?”	Reflexões pessoais, humor e crítica.	Narrativa irônica e introspectiva; observação sobre relações interpessoais com uso de humor autocrítico.	40 comentários	Irônico, com traços de humor e nostalgia.	Refletir sobre a volatilidade das amizades e o modo como os relacionamentos evoluem com o tempo.
29/02/24	“Como ganhar dinheiro e perder tudo?”	Temas sociais (desigualdade e economia), reflexões pessoais	Narrativa direta, com tons de crítica à cultura de consumo e introspecção sobre a relação com dinheiro	82 comentários	Crítico com uma quantia de humor ácido.	Questionar as relações que temos com o dinheiro e como ele molda nossas experiências e valores pessoais.
04/03/24	“‘A Bíblia’, história do garoto que descobre violência, política e sexualidade”.	Cultura e arte, temas sociais.	Análise cultural com uso de narrativa biográfica, explorando temas complexos como política e sexualidade.	14 comentários	Reflexivo, lembra crítica cultural.	Analisar como a literatura pode representar a luta individual e a descoberta pessoal em contextos de repressão.
07/03/24	“Formigas doceras”	Reflexões pessoais, humor e crítica	Estilo introspectivo, combinando a banalidade do cotidiano com o humor, usado para refletir sobre desafios pessoais.	46 comentários	Humorístico, com crítica existencial.	Usar uma situação cotidiana para discutir sobre o acúmulo de preocupações e pressões do dia a dia.

14/03/24	“Edifícaí a família”	Reflexões pessoais, humor e crítica.	Reflexivo com tom crítico sobre as pressões sociais e os papéis familiares.	88 comentários	Crítico e provocador	Refletir sobre como as expectativas sociais afetam as relações e escolhas pessoais ao longo do tempo.
21/03/24	“Metáfora de forja é lembrete diário de que carregamos em nós nosso sentido oposto”	Reflexões pessoais, cultura e arte.	Reflexivo e filosófico, com metáforas para abordar questões de identidade e dualidade.	36 comentários	Contemplativo com um toque filosófico.	Explorar o conceito de identidade como algo moldável e contraditório, buscando a compreensão interna.
24/03/24	“Autora narra a demência e a morte do pai com elegância que emociona”	Reflexões pessoais, temas sociais (questões de saúde mental e luto)	Narrativa íntima e sensível sobre o processo de luto, com referências literárias e abordagem emocional.	7 comentários	Melancólico e sensível	Refletir sobre o impacto emocional do luto e as complexidades das relações familiares.
28/03/24	“Tarsilinha”	Cultura e arte, reflexões pessoais.	Narrativa leve e pessoal; descreve o entusiasmo infantil pela arte como ponto de partida para reflexões culturais.	30 comentários	Alegre e educativo.	Demonstrar como a arte e a cultura podem despertar interesse e aprendizado em crianças.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Com a análise das 13 crônicas de Tati Bernardi, percebemos uma distribuição temática que reflete sua capacidade de articular questões sociais, culturais e pessoais com estilo introspectivo, irônico e crítico. As reflexões pessoais predominam, representando 46% das crônicas (6). Exemplos como "Não é aquela sua amiga?" e "Tarsilinha" destacam-se por explorar relações interpessoais e a influência da arte, frequentemente com tom introspectivo e nostálgico. Essas crônicas conectam as experiências subjetivas da autora às complexidades das relações humanas. Os temas sociais aparecem em 38% das crônicas (5), com textos

como "Homens héteros cis engravidam?" e "Como ganhar dinheiro e perder tudo?". Neles, a autora aborda desigualdades de gênero, consumo e economia com uma narrativa crítica e irônica, promovendo reflexões sobre questões contemporâneas.

A cultura e arte estão presentes em 23% das crônicas (3), exemplificadas por "A Bíblia" e "Tarsilinha". Nessas, Bernardi utiliza referências culturais e artísticas para discutir identidade, aprendizado e descoberta pessoal, demonstrando a importância da arte na formação de perspectivas individuais e coletivas. Por fim, humor e crítica aparecem em 15% das crônicas (2), como "Diga não ao escritor" e "Formigas docesiras". Nessas narrativas, a autora emprega ironia e humor ácido para criticar convenções sociais e desafios cotidianos, mantendo um tom acessível e reflexivo.

As crônicas foram publicadas com regularidade ao longo do trimestre, com intervalos médios de uma semana entre elas, permitindo à autora explorar temas contemporâneos de maneira pontual. A variedade temática e o estilo multifacetado consolidam Tati Bernardi como uma voz relevante e sensível à complexidade da sociedade contemporânea.

Tabela 5 - Análise das crônicas de Antonio Prata (Folha de S. Paulo)

Data de publicação	Título	Categoria temática	Categorias do Estilo Narrativo	Interação Digital	Tonalidade	Objetivo
06/01/24	"Calvário"	Humor e crítica	Tom irônico, críticas à ciência e aos dilemas humanos.	54 comentários	Humorístico e crítico	Questionar o impacto da ciência em questões triviais e despertar uma reflexão leve e humorada.
13/01/24	"Chupa natureza: o desdém reservado ao sol e ao céu azul"	Reflexões pessoais	Reflexões nostálgicas e críticas ao desinteresse infantil pela natureza	24 comentários	Reflexivo	Explorar a relação humana com a natureza e criar um olhar crítico sobre a infância atual.
20/01/24	"Salve, Jorge"	Cultura e arte	Crítica a desvalorização dos roteiristas	29 comentários	Crítico e irônico	Expor desigualdades na indústria

			no cinema e teatro			cultural e provocar reflexão sobre o valor da autoria artística.
03/02/24	“Aproveita que passa rápido”	Reflexões pessoais	Nostalgia e reflexões sobre os clichês da paternidade e passagem do tempo	35 comentários	Reflexivo e nostálgico	Resgatar emoções universais da paternidade e incentivar o leitor a valorizar momentos simples.
10/02/24	“Hoje, excepcionalmente”	Reflexões pessoais	Humor cotidiano sobre justificativas e ausências na vida pessoal	21 comentários	Leve e humorístico	Mostrar como pequenas desculpas moldam nosso cotidiano, gerando identidade e leveza.
17/02/24	“O pior surdo é o que não quer ouvir”	Temas sociais	Humor crítico sobre inclusão e preconceito contra surdos	45 comentários	Humorístico e crítico	Provocar reflexão sobre exclusão e abrir debate sobre acessibilidade e empatia na sociedade.
24/02/24	“Jogar bonito”	Cultura e arte	Reflexão filosófica sobre eficiência e beleza, exemplificada no futebol	21 comentários	Reflexivo e analítico	Analisar como a estética e a funcionalidade convergem, valorizando a simplicidade eficaz.
02/03/24	“Elon, Elsa & eu”	Reflexões pessoais	Ironia sobre o impacto das redes sociais na saúde mental	16 comentários	Crítica e humorística	Incentivar uma desconexão saudável e criticar os vícios emocionais das redes sociais
09/03/24	“O velho dito ‘não julgue o livro pela capa’ foi	Temas sociais	Crítica à condescendência cultural e seus impactos negativos na	47 comentários	Crítico e reflexivo	Questionar a hipocrisia da indústria cultural e defender a

	posto do avesso”		arte			avaliação de mérito nas obras.
16/03/24	“A maior onda do mundo”	Reflexões pessoais	Narrativa inspirada sobre esforço coletivo no surfe	41 comentários	Inspirador e reflexivo	Demonstrar a importância da colaboração e da paixão para alcançar realizações extraordinárias.
23/03/24	“Uma comunidade”	Temas sociais	Reflexão sobre convivência social e pequenas conexões cotidianas	26 comentários	Reflexivo e humano	Enfatizar a necessidade de interações respeitadas em uma sociedade fragmentada.
30/03/24	“Uma guinada de 360”	Humor e crítica	Ironia e crítica sobre a volta à normalidade pós-pandemia	16 comentários	Crítico e reflexivo	Provocar reflexão sobre a superficialidade das transformações sociais e comportamentais.

Fonte: elaborado pela autora (2024)

Com a análise das 12 crônicas de Antonio Prata, percebemos uma distribuição temática, que reflete o estilo crítico e bem-humorado do autor ao abordar questões sociais e cotidianas. As Reflexões pessoais responderam a 33% das crônicas (4), destacando-se em textos como "A maior onda do mundo" e "Chupa, natureza". Neles, Prata adota um tom introspectivo e nostálgico para explorar memórias e experiências subjetivas, frequentemente conectando suas reflexões à condição humana. Os Temas sociais aparecem em 25% das crônicas (3), com exemplos como "O pior surdo é o que não quer ouvir" e "Uma comunidade". Nessas narrativas, o autor aborda questões relacionadas à inclusão, convivência e preconceitos, oferecendo críticas que promovem debates necessários sobre acessibilidade e interações humanas em tempos polarizados. A Cultura e Arte também ocupa 25% das crônicas (3), com textos como "Salve, Jorge!" e "Jogar bonito". Essas crônicas se destacam pela análise crítica e a relação entre eficiência e beleza, utilizando referências artísticas e culturais para enriquecer a discussão.

Por fim, Humor e crítica representam 17% das crônicas (2), exemplificadas por "Calvário" e "Uma guinada de 360°". Nessas crônicas, Antonio Prata utiliza ironia e sarcasmo para questionar a superficialidade das transformações sociais e refletir sobre os dilemas humanos em tom leve e acessível.

A prevalência de crônicas introspectivas, com 33% delas focadas em reflexões pessoais, com destaque para o estilo intimista do autor, que convida o leitor a revisitar suas próprias experiências e interpretações da realidade. A variedade temática encontrada no conjunto das crônicas revela a capacidade de Antonio Prata de alternar entre críticas sociais, análises culturais e momentos de humor, consolidando sua escrita como uma leitura relevante e sensível à complexidade da sociedade contemporânea.

Quanto à interação presente nas colunas de ambos os escritores, podemos ver diferenças notáveis. As crônicas de Tati Bernardi, frequentemente abordando temas sociais e reflexões pessoais com tom crítico e subjetivo, recebem maior volume de comentários (máximo de 88 comentários) demonstrando maior engajamento do público em questões polêmicas ou introspectivas. Já as crônicas de Antonio Prata, que exploram humor e ironia em temas cotidianos e culturais, apresentam menor interação (máximo de 54 comentários), mas mantêm regularidade semanal em suas publicações.

Ao concluir a análise das produções de ambos escritores na Folha de S. Paulo, é possível observar abordagens distintas, mas complementares, que ilustram a diversidade e a profundidade do jornalismo literário contemporâneo.

As crônicas de Tati Bernardi, com um estilo introspectivo e poético, exploram a complexidade emocional do cotidiano, oferecendo ao leitor uma perspectiva sensível e reflexiva. Essa abordagem cria um espaço de empatia, permitindo que o público se identifique com questões íntimas e universais que o autor traz à tona. A seguir, apresento uma das crônicas de Tati Bernardi publicada em 22 de fevereiro de 2024, que exemplifica essa capacidade de transformar experiências pessoais em reflexões de ressonância universal:

Não é aquela sua amiga?
⁸O que esperar do mundo quando não se sabe nem o que esperar da própria mãe?

⁸ Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/tatibernardi/2024/02/nao-e-aquela-sua-amiga.shtml>

Calhou de a mulher aparecer no mesmo hotel em que eu estava com a minha filha. De dentro da piscina, eu a vi chegar ao restaurante que ficava logo em frente. Meu corpo se eriçou.

Minha filha também a viu e perguntou: "Não é aquela sua amiga?". Respondi, com uma voz agitada e infantilizada, que "não mais". Não gosto mais dela. Acabou. Brigamos. E eu não gosto mais dela. Entendeu? A gente brigou. E o lance todo da amizade acabou mesmo. Brigamos. E nem gosto mais dela. A mamãe não gosta mais dela. Eu repeti a mesma frase 89 vezes e foi como se meu analista sáísse do ralo da piscina para fazer aquela carinha marota de "opa, tem coisa aqui, né, querida? Vamos olhar pra isso com coragem?".

Minha filha me contou que empurrou a Julia na fila do pula-pula, na festa da Lorena. E que a Julia a empurrou de volta na fila do elevador em queda livre, minutos depois. E que na hora de cantar os parabéns elas já estavam grudadas novamente. Então, tudo bem, isso passa. Foi seu conselho para mim.

Desejei que a vida de uma mulher de 44 anos fosse fácil assim. O empurrão que dei e levei, em relação a essa ex-amiga, causou tantas questões psíquicas e financeiras que talvez eu preferisse subir mil vezes seguidas naquela desgraça de elevador em queda livre da festa da Lorena (eu cheguei cedo ao evento, a tempo de ser levada pela minha filha para experimentar o brinquedo, e com a graça de Deus havia um Vonau sublingual 8 mg na minha bolsa).

Mesmo morta de fome, virei uma uva-passa humana dentro da piscina. Rita me implorava, pela primeira vez em seis anos de existência: "Manhê, quero feijão". Não, filha, vamos esperar a fulana sair do restaurante. Não quero ter o desprazer de cruzar com ela. Porque eu não gosto mais dela. Brigamos. A coisa da amizade acabou. É assim quando nos tornamos adultos esfolados pela vida (e por danos contratuais). As coisas morrem e nenhuma mesa de bolo com docinhos nos salva ao final.

Cheguei ao restaurante quase no final da tarde. Uma senhora veio correndo e me segurou pelo braço: "É você!! Nossa! E a outra também está aqui, você viu!? Que coincidência, não? Eu amava tanto o programa de vocês! Pena que acabou! Eu maratonava tudo! Posso tirar uma foto com as duas juntas?". Minha filha olhou para a senhora com a paciência de quem implorava havia horas por uma carne e falou: "Minha mãe não gosta mais dela. Brigaram. Acabou a amizade. Tchau".

Estava indo me sentar (talvez deitar, tamanha hipoglicemia) quando a diaba surgiu como uma aparição de Nossa Senhora na minha frente (usava uma saída de praia ampla e clara), com sua imensa beleza sempre escamoteada pelo tipinho "mais uma garota normal de óculos" que ela gosta de imprimir socialmente. Perguntou se eu queria dividir uma mesa com ela e seu filhinho, e me vi berrando que sim. Quero! Minha filha perplexa. O que esperar do mundo quando não se sabe nem o que esperar da própria mãe? Cara a cara com meu desafeto e tudo o que ele invocava, não pude controlar meus ossos e me dobrei completamente em sua direção. Mergulhei meu lábio em chamas na bochecha de ar-condicionado que ela me ofereceu. Tive vontade de enfiar meu rosto inteiro dentro do seu coração. Tive vontade de contar que, entre tantas idades, ainda tenho a idade de minha filha —e pedir companhia para o pula-pula e o bolo (o elevador não). Mas escolhi uma mesa distante.

Por que a gente decide não gostar mais de quem a gente ainda ama?

Por outro lado, Antonio Prata adota uma perspectiva variada em suas crônicas, mesclando humor, ironia e introspecção para explorar questões sociais, culturais e pessoais. Entretanto, assim como Tati, ele também utiliza críticas e reflexões nostálgicas para abordar temas cotidianos e mudanças sociais, e cria uma

relação com o leitor. Abaixo, segue um exemplo, a crônica “Hoje excepcionalmente”, publicada no dia 10 de fevereiro de 2024

Hoje, excepcionalmente⁹

Diante de uma conurbação de prazeres, nada me resta além de inventar uma pequena desgraça que me absolva

Hoje, excepcionalmente, não escrevo esta coluna. Semana retrasada eu também não escrevi, verdade. Pensando bem, minha falha não soa assim tão excepcional. Gostaria de dizer que a sequência de mancadas visa a normalizar o erro, num ato antissistema, antieffiência, Manifesto Pau-Brasil, "toca Raul!" e viva Domenico De Masi, mas estaria mentindo. A explicação é mais prosaica. Semana retrasada eu estava na praia, caiu um temporal, fiquei sem luz por 30 horas, o computador morreu, o celular morreu, tive medo de morrer também enfrentando a Rio-Santos e "Hoje, excepcionalmente"...

Agora é diferente. Embora eu esteja na praia, de novo, tem luz. É sexta-feira de Carnaval. Não chove, muito pelo contrário. O sol se põe no mar em algum ponto do horizonte entre Senegal e Angola, com requintes de calendário. Tem uma moqueca saindo do fogão a lenha. Seis crianças correm pelo gramado me chamando pra um esconde-esconde e um freezer horizontal cheio de Heinekens abre e fecha a tampa, murmurando "Antooooooooonio... Antooooooooonio".

Diante desta conurbação de prazeres, nada me resta além de inventar uma pequena desgraça que me absolva. Covid tá fora de moda. Dengue é sério demais. Problemas com filhos só costume usar para faltar em casamentos, festas literárias ou outros encontros presenciais em que nem minha própria saúde é desculpa suficiente.

Há algumas décadas fiz uma crônica sobre isso, pra Capricho. Sobre o fato de só a dor nos absolver. Ninguém chega atrasado a uma reunião dizendo "gente, foi mal, tava chegando aqui e encontrei na rua o Gui, meu amigo da quinta série. A gente não se via desde 1989. Sentamos num café, bati meia hora de papo com ele, perdi a hora". Jamais. Atestado médico, chapa do pulmão ou qualquer outro mísero sofrimento solapam uma paixão fulminante, quando se trata de justificar a lição de casa não feita.

Ouvi dizer, não sei se é verdade: depois de descobrir e lançar o Bob Marley, fazendo do reggae um fenômeno mundial, o produtor Chris Blackwell estava procurando uma novidade. Algo com a mesma pegada pop e o mesmo molho de "alteridade". Descobriu certo carioca de Madureira chamado Jorge Ben. Ouvi dizer, não sei se é verdade: Chris Rockwell chamou Jorge Ben pra gravar nos estúdios da Island Records. Iria usar o canção criado com Bob Marley pra fazer tocar "Mais que Nada" em todas as rádios, boates e festas do mundo. Acontece que a gravação caiu justo em fevereiro. Jorge Ben –ouvi dizer, não sei se é verdade– tinha se engraçado com uma moça em Salvador. Mandou avisar que estava gripado, febrão, não tinha como se tornar a nova maior estrela pop global, mal aí, ela é minha menina, eu sou o menino dela.

Acho essa história fenomenal. Eu, em meu narcisismo dente de leite, não consigo recusar um convite pra Festa Literária de Pirapora Mirim do Sul, como se disso dependesse a minha sobrevivência. Aí o Jorge Ben, esse Buda do subúrbio, entre a glória global e um rabo de saia, fica com o rabo de saia. Mindfulness no último.

Tivesse agido diferente e talvez, hoje, "Tábua de Esmeralda" e "Catch a Fire" fossem reconhecidos da mesma forma. E talvez, quem sabe, hoje, Jorge Ben estivesse todo plastificado e botocado, com uma carreira

⁹Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/antonioprata/2024/02/hoje-excepcionalmente.shtml>

ridícula desde 1980, imitando as modas pop e fazendo dancinha no TikTok pra se manter "relevante", desde o equívoco de, Deus me livre, regravar "Não se Reprima" com os Menudos.

A análise do conteúdo realizada, evidencia que as crônicas publicadas na Folha de S. Paulo cumprem um papel essencial no jornalismo literário, ao estabelecer essa conexão profunda com o leitor. Ao invés de se limitarem à informação, elas promovem reflexões sobre o cotidiano e sobre questões sociais e culturais. Com estilos próprios, Tati Bernardi e Antonio Prata mostram como o jornalismo literário pode superar a objetividade e enriquecer a experiência do leitor, valorizando a subjetividade e humanizando os temas envolvidos. Ambos exemplificam a riqueza e a diversidade do jornalismo literário contemporâneo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao dar início a esta pesquisa, constatamos que, embora existam estudos sobre o jornalismo literário, há uma escassez de pesquisas que abordam especificamente a inserção das crônicas em portais de notícias. Embora existissem pesquisas anteriores, como as de Galelli (2009) e Siebert (2014), sobre as características das crônicas e sua relevância histórica, identificamos uma lacuna no estudo específico de como as crônicas estão presentes no ambiente digital contemporâneo. Essa constatação reforçou a necessidade e a relevância acadêmica desta pesquisa, que buscou contribuir para o campo ao investigar como as crônicas literárias se inserem no jornalismo da Folha de S. Paulo.

Diante desse contexto, a pesquisa teve como objetivo geral analisar o papel das crônicas literárias no jornalismo literário contemporâneo, avaliando sua relevância em um cenário digital marcado pela prevalência de formatos mais rápidos e objetivos. Este objetivo foi atendido, pois o trabalho demonstrou que, mesmo diante das adversidades impostas pela comunicação digital, as crônicas continuam a oferecer um espaço singular de conexão emocional, reflexão crítica e expressão artística, como destacam Coutinho (1995) e Soares e Vieira (2021).

Acerca dos objetivos específicos: o primeiro, que diz respeito ao entendimento do desenvolvimento do Jornalismo Literário no Brasil, foi alcançado ao longo do referencial teórico, que destacou marcos históricos do jornalismo literário no Brasil, desde sua consolidação com Euclides da Cunha e João do Rio, até sua expansão por meio de gêneros como a reportagem literária, o perfil e a crônica. O estudo demonstrou que, conforme Strelow (2010) e Galelli (2009), o jornalismo literário evoluiu ao longo do tempo, mantendo sua essência ao mesclar fatos reais com técnicas narrativas e estilísticas da literatura.

Quanto à explicação do conceito e do contexto acerca do Jornalismo Literário contemporâneo, atendemos por meio de uma discussão conceitual que reforçou o caráter híbrido do jornalismo literário, conforme enfatizado por Lima (2009). Foi possível compreender como esse gênero preserva seu impacto ao humanizar narrativas e oferecer um olhar mais profundo sobre a realidade, mesmo em um cenário de transformação digital, como apontado por Garcia (2020).

A respeito do objetivo acerca de analisar a presença de crônicas literárias no Jornal A Folha de S. Paulo, o mesmo foi atingido por meio da análise de conteúdo

das crônicas publicadas no jornal, destacando temas recorrentes, estilos narrativos e a interação digital. Os resultados evidenciaram que as crônicas abordam questões sociais, culturais e reflexões pessoais, utilizando subjetividade e linguagem literária para criar narrativas que dialogam diretamente com os leitores, conforme observado por Siebert (2014). Além disso, a interação digital mostrou-se um elemento importante para compreender o impacto das crônicas no público contemporâneo.

A questão central que orientou este estudo foi: Como as crônicas literárias se inserem no contexto atual do jornalismo literário em portais de notícias, especificamente no portal da Folha de S. Paulo? Durante o trabalho, descobrimos que, mesmo em um ambiente marcado pela rapidez e superficialidade da comunicação digital, as crônicas analisadas preservam características literárias marcantes, como a subjetividade, o tom intimista e o uso de recursos estilísticos como humor e crítica. Assim, foi possível confirmar a hipótese inicial de que as crônicas continuam a desempenhar um papel relevante no cenário jornalístico contemporâneo.

Para responder à questão proposta, utilizamos a metodologia de análise de conteúdo, examinando as crônicas de Tati Bernardi e Antonio Prata publicadas na Folha de S. Paulo durante o primeiro trimestre de 2024. Essa escolha seguiu o critério de exaustividade, considerando todas as produções desses autores no período. O método envolveu a leitura detalhada, categorização dos temas e análise estilística, com base em referenciais como Beltrão (1980) e Coutinho (1995). Esse processo revelou que as crônicas abordam temas diversos, como questões sociais, culturais e reflexões pessoais, enquanto dialogam diretamente com os leitores por meio de linguagem acessível e subjetiva. Além disso, a interação digital emergiu como um elemento significativo para a compreensão do impacto contemporâneo das crônicas.

Conclui-se após a análise de conteúdo, que mesmo em um ambiente marcado pela rapidez e superficialidade dos formatos digitais, as crônicas literárias preservam sua relevância como um gênero híbrido entre jornalismo e literatura. Elas proporcionam um equilíbrio entre informação e expressão artística, reafirmando a importância do jornalismo literário em oferecer ao público narrativas que informam, emocionam e conectam. Esta pesquisa, portanto, contribui para o campo acadêmico ao reforçar a relevância das crônicas como parte indispensável do jornalismo literário no cenário contemporâneo.

Entretanto, durante a execução do trabalho, algumas limitações foram encontradas. Como ressaltamos anteriormente e destacamos como relevância para a realização dessa pesquisa, a disponibilidade de estudos específicos sobre crônicas em ambientes digitais ainda é escassa, fato que exigiu maior esforço para conectar os conceitos teóricos ao contexto analisado. A pesquisa poderia ter sido realizada de forma mais extensa, abarcando um intervalo maior de publicações ou comparando diferentes veículos de comunicação, o que enriqueceria ainda mais as conclusões.

Apesar dessas limitações, o estudo conseguiu alcançar seus objetivos, demonstrando que as crônicas literárias permanecem um gênero essencial para o jornalismo literário, especialmente em seu papel de interpretar e criticar a realidade de maneira criativa e reflexiva. Como resposta à pergunta inicial, concluímos que as crônicas literárias na Folha de S. Paulo mantêm sua relevância, conciliando o factual com o artístico, mesmo diante das adversidades impostas pela comunicação digital.

Em suma, ao explorar o jornalismo literário por meio das crônicas da Folha de S. Paulo, este trabalho confirma a força de um gênero que, longe de ser ofuscado pelas transformações digitais, encontra nessas mudanças um espaço propício para se renovar e estabelecer conexões com as novas gerações de leitores.

REFERÊNCIAS

BAHIA, J. **Jornal, História e Técnica**: história da imprensa brasileira. 5 ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

BARBOSA, S. **Modelo JDBD e o ciberjornalismo de quarta geração**. Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line – FACOM-UFBA, 2007

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.7.

BRITES, D. B; SOUZA, E. A; CRUZ, F. S. da. Jornalismo Literário Contemporâneo: As semelhanças e divergências na obra de Caco Barcellos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 15., 2014, Palhoça. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2014.

CARDOSO, E. T; MONTEIRO, M. C. S. Análise de Conteúdo: perspectivas teóricas e metodológicas no campo da Comunicação. **Experiências metodológicas na comunicação** [recurso eletrônico]. São Paulo: Pimenta Cultural, c2022. 312 pp 103-122, 2022.

CATALÃO JR., A.H. **Jornalismo best-seller**: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo. 252 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2010.

DEMÉTRIO, S. R. **Por um jornalismo contracultural**: linhas de fuga o new journalism. 2007. 102 f. (Tese) Doutorado - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007

DIAS, A. R. F. A conversação na entrevista de perfil na mídia escrita: uma questão para o ensino. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 157-177, jan./jun. 2015.

FARIA, N. S. Jornalismo literário: um olhar histórico para o gênero e suas características. **Comunicação Pública**. [S.L.], p. 29-44. 20 nov. 2013.

FONSECA JUNIOR, W. C. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006. p. 280-304.

GALELLI, P. **A literatura no jornalismo: um estudo da crônica no jornal impresso local**. Orientador: Leandro Ramires Comassetto. 2009. 71 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo) - Universidade do Contestado, Campus Concórdia, Concórdia, 2009. Disponível em: < <https://pergamum.unc.br/acervo/141944> >

GARCIA, L. E. V. A crônica brasileira e a internet: o ontem e o hoje. **Revista Trama**, v. 16, n. 38, p. 99-108, 2020.

HORST, S. J; FERNANDES, M. R. S. **Leitura cultural na reportagem literária de Nicolau** (1987-1996). boletim de pesquisa nelic, p. 89-107, 2017.

JÁCOME, P. P; VIEIRA, I.M. O lado B do jornalismo: como os cadernos culturais entram na história. **Contracampo**, 2018.

LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009, p. 173.

MACIEL, A. Z. "**A narrativa ideal seria ir além de uma grande reportagem**": conceitos e características do livro-reportagem brasileiro. São Bernardo do Campo, v. 43, n. 1, p. 73-101, jan.-abr. 2021.

MARTELLI, F. P. **Jornalismo Gonzo**: Uma Análise Acerca do Jornalismo Literário. Brasília: Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, 2006.

MARTINEZ, M. Jornalismo Literário: revisão conceitual, história e novas perspectivas. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, [S.L.], v. 40, n. 3, p. 21-36, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <<http://dx.doi.org/10.1590/1809-5844201732>.>

MELO, I. A (ed.). Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura. In: AZZOLINO, Adriana Pessatte. **Sete propostas para o Jornalismo Cultural** – reflexões e experiências. São Paulo: Miro Editorial, 2009. p. 53-68.

MIELNICZUK, L. A Pirâmide Invertida na época do Webjornalismo: tema para debate. In: XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. **Anais**. Bahia: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7- 32, 1999.

OLIVEIRA, P. N. D. S. Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB. **Anais**. Brasília: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Intercom, 2006.

PENA, F. O jornalismo Literário como gênero e conceito. **Revista Contracampo**, [S.L.], n. 17, p. 43-58, 1 dez. 2007. Pro Reitoria de Pesquisa, Pós Graduação e Inovacao - UFF. <<http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v2i17.349>.>

PEREIRA, A. S., e GUSHIKEN, Y. A construção da personagem como recurso de humanização no jornalismo literário. In: 15º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, ECA/USP. **Anais**. São Paulo: SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2017.

PRIBERAM. **MAINSTREAM**. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/mainstream>.> Acesso em: 20 ago, 2024.

RIGO, L. B. **JORNALISMO CULTURAL: DOS SUPLEMENTOS LITERÁRIOS DO SÉCULO XIX AO WEBREVIEW DO SÉCULO XXI**. 2019. 362 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul., Porto Alegre, 2019.

RITTER, E. New journalism: o livre amor entre o jornalismo e literatura. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 1, n. 1, p. 56, 2013.

RITTER, E. A influência da contracultura norte-americana no jornalismo literário brasileiro contemporâneo. **Vozes e Diálogo**, v. 14, n. 01, 2015.

SANTANA, E. CONTRACULTURA. **Educa Mais Brasil**, 2020. Disponível em: <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/sociologia/contracultura>> Acesso em: 14 jul, 2024.

SIEBERT, S. a crônica brasileira tecida pela história, pelo jornalismo e pela literatura. **Linguagem em (Dis)Curso**, [S.L.], v. 14, n. 3, p. 675-685, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <<http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-140313-4713>>

SILVA, M. Consagração e decadência do academicismo literário: o caso do jornalismo. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, v. 20, n. 1, p. 77-95, 2010.

SOARES, I.; VIEIRA, R. Jornalismo Literário contemporâneo e as minorias: uma análise comparativa das revistas *The New Yorker* e *piauí*. In: 19º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. **Anais**. Brasília. [...]. Brasília: SBPJor, 2021.

SOUZA, Kátia Regina Silva de. **JORNALISMO LITERÁRIO E A REVISTA ROLLING STONE BRASILEIRA: ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DE PERFIS DE CELEBRIDADES**. 2016. Monografia (Curso de Comunicação Social – Jornalismo) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

STRELOW, Aline. **Jornalismo literário e cultural: Perspectiva histórica**. Biblioteca on-line de, 2010.

TELLES, M; ASSUMPÇÃO, D. Pesquisa bibliográfica na comunicação: a leitura do campo e sua problemática. In: WOTTRICH, Laura (coord.); ROSÁRIO, Nísia Martins do (org.). **Experiências Metodológicas na Comunicação**. 1. ed. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. v. 1. p. 144-156 .

TIRAPANI, V. **O jornalismo literário no ambiente digital análise da narrativa longform e do perfil**. 2019. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2019.

TUZINO, Y. M. M. **Crônica: uma Intersecção entre o Jornalismo e Literatura**. <https://goo.gl/RRiQti>. Acesso em, v. 24, p. 08-09, 2009.

VILLAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.